

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE TURISMO E HOTELARIA
CURSO DE TURISMO

THALYNE DA SILVA SAMPAIO KILALA

TURISMO E IDENTIDADE CULTURAL:

A Casa de Cultura Huguenote Daniel de La Touche e sua contribuição à identidade
ludovicense

SÃO LUÍS

2023

THALYNE DA SILVA SAMPAIO KILALA

TURISMO E IDENTIDADE CULTURAL:

A Casa de Cultura Huguenote Daniel de La Touche e sua contribuição à identidade
ludovicense

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de Turismo e Hotelaria da
Universidade Federal do Maranhão como requisito
para a obtenção do grau de Bacharel em Turismo.

Orientadora: Prof^ª. Ma. Marilene Sabino Bezerra.

SÃO LUÍS

2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Kilala, Thalyne da Silva Sampaio.

Turismo e Identidade Cultural: a Casa de Cultura Huguenote Daniel de La Touche e sua contribuição à identidade ludovicense/ THALYNE DA SILVA SAMPAIO. – 2023.

107p.

Orientadora: Ma. MARILENE SABINO BEZERRA.

Monografia (Graduação) – Curso de Turismo, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2023.

1. TURISMO 2. IDENTIDADE CULTURAL 3. MUSEU. I. SABINO, MARILENE BEZERRA. II. Título.

THALYNE DA SILVA SAMPAIO KILALA

**TURISMO E IDENTIDADE CULTURAL:
A Casa de Cultura Huguenote Daniel de La Touche e sua
contribuição à identidade ludovicense**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em Turismo.

Aprovada em ___/___/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Ma. Marilene Sabino Bezerra (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão

Prof^a Dra. Kláutenys Dellene Guedes Cutrim (1^o Avaliador)
Universidade Federal do Maranhão

Prof^a Dra. Linda Maria Rodrigues (2^o Avaliador)
Universidade Federal do Maranhão

À Deus, meu porto seguro.
À Maria Luísa e Geovana, minhas filhas e fontes
da minha inspiração.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é uma importante realização em minha vida. Ele representa a persistência de um sonho e a alegria e prazer de vê-lo realizado. A sua concretização não é resultado de um esforço individual, mas da sinergia de pessoas que em diferentes momentos me fortaleceram, compreenderam e me ajudaram a chegar até aqui. Por isso, quero agradecer profundamente:

À Deus, autor e consumidor da minha vida. Meu porto seguro em todas as circunstâncias.

Aos meus pais por todo amor e investimento.

Ao meu esposo pelo companheirismo e parceria.

Às minhas filhas, razões da minha alegria e minhas fontes de motivação.

Às minhas irmãs pela amizade e apoio mútuo.

À minha orientadora, professora M^a Marilene Sabino pela paciência, empatia e instruções dadas.

Ao corpo docente e administrativo do Curso de Turismo/UFMA, pelos ensinamentos e suportes recebidos, são fontes de inspiração.

Aos meus líderes e amigos de equipe pelo amor e cuidado.

À Casa de Cultura Huguenote Daniel de La Touche, ao corpo administrativo na pessoa da presidenta Gláucia Rosane e João Guilherme e a todos os voluntários, em especial a diretora Sabrina Aguiar por toda colaboração na pesquisa de campo.

A todos o meu muito obrigada.

*Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
(Gonçalves Dias)*

RESUMO

O presente trabalho tem como tema TURISMO E IDENTIDADE CULTURAL - A Casa de Cultura Huguenote Daniel de La Touche e sua contribuição à identidade ludovicense, que analisa as principais características dessa casa de Cultura, identifica a sua origem, infraestrutura, acervo e estrutura administrativa, assim como, os desafios para manutenção do espaço museológico na área do centro histórico de São Luís do Maranhão. A metodologia utilizada refere-se a pesquisa bibliográfica e de campo. A pesquisa bibliográfica fundamentou-se em conceitos centrais tais como: turismo, identidade cultural e museu. A pesquisa de campo, foi realizada a partir do uso de instrumentos específicos como questionário aplicado com os visitantes e roteiros para as entrevistas previamente encaminhadas aos profissionais que atuam na Casa de Cultura. A pesquisa é do tipo descritiva feita a partir da investigação dos fatos e dados obtidos de forma técnica e científica. Quanto à forma de abordagem a pesquisa foi do tipo qualitativa considerando que o pesquisador teve contato direto com o ambiente e o objeto de estudo. Considerou-se o método da etnografia interessante neste trabalho, pois ele consiste na inserção do pesquisador no ambiente que está sendo pesquisado, contudo esse método requer um tempo considerável para que as análises possam realmente refletir a realidade em questão, exigindo extrema sensibilidade do pesquisador. Os resultados apontaram que o espaço cultural museológico Casa de Cultura Huguenote Daniel de La Touche tem como objetivo resgatar aspectos históricos e culturais, visando o fortalecimento da identidade local no aspecto de sua origem. Instalado em um prédio histórico, no Beco Catarina Mina, a Casa de Cultura Huguenote Daniel de La Touche é uma instituição que visa esse resgate da cultura, das artes e história local, com o foco a partir da fundação protestante francesa.

Palavras-chave: Turismo; Museu; Identidade Cultural

ABSTRACT

The present work has as its theme TOURISM AND CULTURAL IDENTITY - The Huguenot Daniel de La Touche House of Culture and its contribution to Ludovicense identity, which analyzes the main characteristics of this House of Culture, identifies its origin, infrastructure, collection and administrative structure, as well as as, the challenges for maintaining the museum space in the area of the historic center of São Luís do Maranhão. The methodology used refers to bibliographic and field research. The bibliographical research was based on central concepts such as: tourism, cultural identity and museum. Field research was carried out using specific instruments such as a questionnaire applied to visitors and scripts for interviews previously sent to professionals working at the Casa de Cultura. The research is descriptive and based on the investigation of facts and data obtained in a technical and scientific way. As for the approach, the research was of the qualitative type, considering that the researcher had direct contact with the environment and the object of study. The method of ethnography was considered interesting in this work, as it consists of inserting the researcher in the environment being researched, however this method requires considerable time for the analyzes to really reflect the reality in question, requiring extreme sensitivity from the researcher. The results showed that the cultural space Casa de Cultura Huguenot Daniel de La Touche aims to rescue historical and cultural aspects, aiming at strengthening the local identity in terms of its origin. Housed in a historic mansion on Beco Catarina Mina, Casa de Cultura Huguenot Daniel de La Touche is an institution that aims to rescue culture, arts and local history, focusing on the French Protestant foundation..

Keywords: Tourism; Museum; Cultural Identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1-	Beco Catarina Mina.....	40
Figura 2-	Casa de Cultura Huguenote.....	40
Figura 3-	Símbolo CM no gradeado da porta do prédio.....	41
Figura 4-	Prédio 128A e sua localização.....	41
Figura 5 -	Organograma organizacional da Casa de Cultura Huguenote.....	43
Figura 6 -	QR code para o guiamento virtual.....	47
Figura 7-	Parte térrea da Casa.....	48
Figura 8 -	Busto do fóssil Luzia.....	49
Figura 9 -	Peça que representa um navio fenício. Escultura de Edimar Nardaci.....	49
Figura 10 -	Reprodução da gravura de Gaultier cena da fixação da cruz na fundação de São Luís.....	50
Figura 11-	As capitânicas hereditárias e Cronologia Histórica do Maranhão Huguenote.....	50
Figura 12 -	Acoiave.....	50
Figura 13 -	Manto Tupinambá.....	51
Figura 14 -	Cunhamebebe. Pintura óleo s/ tela.....	51
Figura 15 -	Antropofagia. A xilogravura de Theodor De Bry.....	52
Figura 16 -	Ajurujuba. Óleo sobre tela. Gláucia Rosane.....	53
Figura 17 -	Primeiro andar da Casa de Cultura.....	53
Figura 18 -	Sessão de obras sobre a perseguição religiosa.....	54
Figura 19 -	A cruz Huguenote.....	55
Figura 20 -	Busto do rei Henrique IV.....	56

Figura 21 - Réplica de um canhão francês.....	56
Figura 22 - A coroação da Rainha Maria de Médicis.....	56
Figura 23 - Réplica da carta de Herinque IV a Daniel de La Touche.....	57
Figura 24 - Réplica da carta de Médicis endereçada a Daniel de La Touche.....	57
Figura 25 - Réplicas das Leis Fundamentais em francês e em português.....	58
Figura 26 - Daniel de La Touche. Óleo sobre tela. Gláucia Rosane.....	59
Figura 27 - Estátua de Daniel de La Touche. Fibra de vidro e cobre. Eduardo Sereno.....	60
Figura 28 - Busto de Gonçalves Dias. Eduardo Sereno.....	60
Figura 29 - Marabá. Pintura óleo sobre tela. Gláucia Rosane.....	60
Figura 30 - Trecho do poema Marabá. Gonçalves Dias (1851)	61
Figura 31 - A visitação guiada.....	75
Figura 32 - Convite digital Especial 410 anos de São Luís (2022)	76
Figura 33 - Musical Daniel de La Touche 2021.....	76

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Tabela 1	Relação das receitas da Casa de Cultura Huguenote.....	44
Tabela 2	Estatística de visitas no 2º semestre de 2022.....	62
Gráfico 1:	Fluxo de visitantes internacionais no 2º semestre de 2022...	63
Tabela 3:	Estatística de visitas no 1º semestre de 2023.....	64
Gráfico 2:	Fluxo de visitantes Internacionais no 1º trimestre de 2023	65
Gráfico 3:	Origem dos visitantes em 1 ano.....	66
Gráfico 4:	Fluxo de visitantes em 1 ano.....	66
Gráfico 5:	Resultado da entrevista com visitantes: faixa etária.....	67
Gráfico 6:	Resultado da entrevista com visitantes: escolaridade.....	68
Gráfico 7	Resultado da entrevista com visitantes: origem.....	68
Gráfico 8	Resultado da entrevista com visitantes: como souberam da Casa.....	69
Gráfico 9	Resultado da entrevista com visitantes: companhia na visita.....	69
Gráfico 10	Resultado da entrevista com visitantes: conhecimento prévio.....	70
Gráfico 11	Resultado da entrevista com visitantes: como foi a experiência.....	70
Tabela 4	Resumo de Atividades Realizadas.....	76

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	METODOLOGIA.....	18
3	TURISMO, MUSEU E EDUCAÇÃO	20
3.1	Turismo e Identidade Cultural.....	20
3.2	Museu como espaço de preservação da memória local.....	23
3.3	A educação em museus como meio de consolidação da identidade local.....	28
4	A CASA DE CULTURA HUGUENOTE DANIEL DE LA TOUCHE.....	33
4,1	Contextualização histórica da fundação da cidade de São Luís.	33
4.2	História da formação da Casa de Cultura Huguenote.....	38
4.3	Infraestrutura.....	40
4.4	Estrutura Administrativa.....	42
4.5	Acervo.....	46
4.6	Fluxo de visitantes.....	62
5	A CASA DE CULTURA HUGUENOTE DANIEL DE LA TOUCHE COMO ESPAÇO DE FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE LOCAL.....	72
5.1	A Casa de Cultura Huguenote e Identidade Cultural.....	72
5.2	Atividades realizadas pela Casa.....	74
5.3	Desafios e perspectivas para o aproveitamento integral do espaço museológico.....	77
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
	REFERÊNCIAS	86
	ANEXOS.....	90
	ANEXO I - Fotos de exemplares da Biblioteca da Casa de Cultura Huguenote.....	91
	ANEXO II - Plano Museológico da Casa de Cultura Huguenote	92
	ANEXO III – Folha do livro de visitas.....	95

ANEXO IV – Calendário da Casa 2021	96
APÊNDICE	97
APÊNDICE I – fotos dos ambientes da Casa de Cultura Huguenote.....	98
APÊNDICE II – Entrevista com os Monitores.....	99
APÊNDICE III – Entrevista com os Visitantes.....	102
APÊNDICE IV - Roteiro da entrevista com a presidenta da Casa de Cultura Huguenote.....	106

1 INTRODUÇÃO

O turismo é uma atividade socioeconômica que envolve relações entre pessoas, deve fundamentar a preservação do patrimônio cultural e natural, criar oportunidades para geração de pequenas e médias empresas e de desenvolvimento local (MTUR, 2006). Neste sentido, faz-se necessário a qualificação das pessoas residentes no destino turístico para o melhor desenvolvimento da atividade, bem como a clareza na identidade cultural por parte de seus autóctones. Dessa forma, a educação é uma ferramenta eficiente para o preparo dos moradores locais. Afunilar a relação entre educação e turismo é necessário para resultados duradouros, especialmente, no que tange à preservação da identidade cultural de determinado lugar.

A cidade de São Luís foi reconhecida como Patrimônio Cultural Mundial pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) em 1997, fato relevante para a sua história e igualmente preservação da sua memória. É a única capital brasileira fundada por franceses, com inúmeros momentos e fatos importantes para a história da cidade e do país.

O patrimônio cultural se divide em material e imaterial, segundo o Decreto-Lei nº 25/1937, no Art, 1º, onde define como patrimônio material o conjunto de bens culturais móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico (BRASIL, 2001), portanto, entende-se que a criação de espaços museológicos são de fundamental importância para a preservação dos bens culturais de um povo.

Neste contexto, foi criado na cidade de São Luís/MA, o espaço cultural museológico Casa de Cultura Huguenote com o objetivo de resgatar aspectos históricos e culturais, visando contribuir para aspectos da identidade local. Instalado em um prédio histórico, no Beco Catarina Mina, a Casa de Cultura Huguenote Daniel de La Touche, como é oficialmente batizada, é uma instituição que visa esse resgate da cultura, das artes e história local, com o foco a partir fundação protestante francesa.

Considerando que o espaço promove atividades voltadas para o público afim de instruir, informar e contribuir com seus visitantes a instituição nos fez questionar

como podemos estabelecer uma relação entre educação e turismo? Qual a importância da educação informal para o fortalecimento da identidade cultural? Por que é importante contribuir com a identidade cultural dos moradores locais? Os museus são ferramentas para isso? Como isso pode cooperar para o desenvolvimento da atividade turística? E por fim, como a Casa de Cultura Huguenote contribui para o fortalecimento da identidade cultural local?

Através dessas questões norteadoras chegamos ao seguinte problema, que é nosso objeto de pesquisa, a Casa de Cultura Huguenote Daniel de La Touche contribui para o fortalecimento da identidade cultural local?

Tendo em vista a formação das identidades culturais, entendemos a importância do fortalecimento destas para a construção social para a atividade turística. Por meio da Educação turística, pode-se desenvolver habilidades e capacidades para a construção de memórias individuais e coletivas. O museu constitui-se uma poderosa ferramenta no processo educativo da comunidade local assim como o é para os turistas. O poder do conhecimento de sua própria história e cultura determinam sua ação efetiva na sociedade, conseqüentemente no desenvolvimento do Turismo.

Dessa forma, nosso objetivo principal é entender quais contribuições a Casa de Cultura Huguenote pode contribuir para a identidade ludovicense, a partir da análise das principais características dessa Casa de Cultura, identificação da sua origem, infraestrutura, acervo e estrutura administrativa, assim como, os desafios para manutenção do espaço museológico na área do centro histórico de São Luís do Maranhão. Com os objetivos específicos a contemplar:

- Estabelecer relação entre turismo e identidade cultural;
- Compreender a função educacional do museu como meio de fortalecimento da identidade local;
- Abordar a Casa de Cultura Huguenote Daniel de La Touche como espaço de preservação da identidade e memória ludovicense.
- Apresentar os desafios e perspectivas para o aproveitamento integral do espaço museológico.

Dividimos nosso trabalho em três partes, de forma a contemplar no primeiro as definições e contextualizações dos temas centrais e norteadores da nossa pesquisa que são turismo, identidade cultural e museu e em que pontos estes se conectam; a

relação entre turismo e identidade cultural, como o museu torna-se um espaço de preservação da memória local. E ainda, a educação em museus como meio de consolidação da identidade local.

No capítulo seguinte, fizemos uma contextualização histórica, pois é esse o pano de fundo para a criação do museu. E apresentamos nosso objeto de estudo de modo descritivo, como a Casa foi planejada e estruturada, bem como o motivo pelo qual ela homenageia a Daniel de La Touche; descrição do acervo que ela possui e exposições já realizadas pela Casa. Descrevemos como é sua a estrutura física e como estão ambientados, assim como sua estrutura administrativa. Apresentamos o fluxo de seus visitantes baseado no caderno de visitas da Casa do último ano.

Por fim, no último capítulo apresentaremos reflexões sobre a Casa de Cultura Huguenote Daniel de La Touche como espaço de fortalecimento da identidade ludovicense, da forma como ela realiza isso, por meio de suas atividades culturais e educativas. Abordaremos os desafios e perspectivas para o aproveitamento integral do espaço museológico percebidos durante a pesquisa, analisando-os a partir da ferramenta de diagnóstico SWOT, apontando fraquezas, forças, oportunidades e ameaças que pudemos identificar na instituição.

2 METODOLOGIA

A pesquisa proposta neste trabalho é bibliográfica e de campo, onde iniciamos com uma revisão de literatura, para conceituar e entender o que é turismo, educação, identidade cultural e museu. Para conhecermos as características do nosso objeto de estudo, analisamos os serviços disponibilizados e valores pretendidos pela Casa de Cultura Huguenote que visam o fortalecimento da identidade cultural ludovicense. Por meio da busca de um referencial teórico disponível em livros, trabalhos científicos como monografias, artigos científicos e periódicos especializados na temática em questão, além de sites governamentais e/ou organizacional voltados para a área, objeto da investigação.

Utilizamos em nosso referencial teórico os autores Ignarra (2013), com contribuições na história do turismo, Dias (2003) e Pèrez (2009) que contribuíram para o entendimento de que o turismo fortalece a identidade grupal bem como, das vantagens e desvantagens dos contatos interculturais. Oliveira (2011), nos fundamentou sobre a história do museu e Gastal (2002), com o entendimento de que o museu é um lugar memória. Sobre o conceito de educação em museus, Chinoy (1967) que acrescentou sobre as circunstâncias que acontece a aprendizagem e Studart (2004), por entender o museu como uma instituição a serviço da comunidade por meio de ações educativas. E trouxemos ainda para o nosso trabalho, Noberto (2012) juntamente com outros autores que corroboraram com a história da fundação da cidade de São Luís.

A partir da pesquisa bibliográfica prévia e, de posse dos conteúdos abordados, utilizamos a técnica da observação direta através de visitas de campo, entrevistas com os profissionais que atuam na Casa de Cultura, para a coleta de dados, bem o uso de um questionário aos visitantes da Casa. Este questionário foi elaborado pelo pesquisador, contendo questões abertas e fechadas. Tendo em vista que se pretende evidenciar a importância do ensino para o fortalecimento da identidade local e do turismo, a pesquisa é do tipo descritiva feita a partir da investigação dos fatos e dados obtidos de forma técnica e científica.

Quanto à forma de abordagem a pesquisa foi do tipo qualitativa considerando que o pesquisador teve contato direto com o ambiente e o objeto de estudo como citado anteriormente. Utilizamos a ferramenta de diagnóstico denominada de análise

SWOT, que analisa as fraquezas e forças da instituição, e as oportunidades e ameaças que ela pode encontrar para seu pleno funcionamento.

Considera-se o método da etnografia interessante neste trabalho, pois ele consiste na inserção do pesquisador no ambiente que está sendo pesquisado, contudo esse método requer um tempo considerável para que as análises possam realmente refletir a realidade em questão, exigindo extrema sensibilidade do pesquisador.

Espera-se que este trabalho possa contribuir para fundamentar novos estudos e pesquisas voltadas para a temática em questão.

3 TURISMO, MUSEU E EDUCAÇÃO

O Turismo é uma atividade complexa em si mesmo que se apoia em muitas ciências para sua existência e definição. Entre elas a Educação, pois a atividade turística possui um forte viés educativo. Apesar da variedade de motivações para se fazer turismo, do lazer aos negócios, uma destas está o intuito de troca de saberes e conhecimento cultural. Dessa forma, toda atividade turística é sobretudo uma atividade cultural, por ser uma atividade antropológica, feita a partir de relações sociais, contato com outro espaço, sociedade e memória que naturalmente diferencia-se da sua.

Para melhor compreensão como se dá essa interdisciplinaridade própria do Turismo, relacionamos este com a identidade cultural, o museu e a educação, como podemos definir estes termos e em que pontos eles se conectam.

3.1 Turismo e identidade cultural

O Turismo está associado primordialmente às viagens (deslocamento de uma localidade a outra). Desse ponto de vista, o “turismo” já acontece desde a Antiguidade se considerarmos a definição por deslocamento de uma região a outra por motivação variadas. Na Antiguidade, a motivação para o deslocamento era comercial, rotas comerciais e feiras, bem como eventos produzidos pelo imperador Alexandre, O Grande atraíam pessoas de diversas localidades. Na Idade Média, essa atividade foi movida pelas Cruzadas, ou seja, tinham um cunho político-religioso. Havia ainda, as viagens realizadas pelos nobres em busca de melhor base educacional de seus filhos ou por motivo de pesquisas científicas. Já com o surgimento do capitalismo comercial as viagens ficaram cada vez mais frequentes. O surgimento das ferrovias e de sua malha ferroviária possibilitou deslocamentos maiores utilizando menos tempo, fato que gradativamente aumentou a atividade turística. (IGNARRA, 2013).

Lickorish & Jenkins (2000), fazem uma divisão da história do desenvolvimento do turismo em quatro estágios: o turismo pré-histórico que compreende o período medieval até o começo do século XVII; o estágio do transporte pela expansão do meios de transporte e infraestrutura; o período entre guerras (1918 a 1939), a era

dos automóveis e um considerado investimento em aviação; e o período que o autor denominou de “decolagem” do turismo onde houve a “primeira grande explosão na demanda pelas viagens”, foi a era da revolução na tecnologia e aumento da riqueza.

Com o passar dos anos, houve a necessidade de se pesquisar e definir melhor a atividade turística a partir da motivação das viagens, duração, origem, utilização dos meios de alojamento bem como, se a pessoa vai ou não exercer atividade remunerada no território visitado. Muitas definições já foram escritas e aperfeiçoadas ao longo dos anos tendo em vista atender toda a gama de conhecimento e agentes que envolvem o Turismo.

A percepção do turismo como uma nova actividade (sic) humana geradora de múltiplos efeitos foi-se formando lentamente, mas é no período de transição do século XIX para o século XX que surgem as primeiras tentativas da sua definição. (CUNHA, 2010, p.2).

A Organização Mundial de Turismo (OMT) em 2001, definiu o turismo como as atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e estadas em lugares diferentes ao seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras (OMT, 2001, p. 38, apud SANTOS, 2010, p.13). Ou seja, o deslocamento é uma das premissas para a atividade turística, porém, ela vai para além disso, pois envolve toda a sociedade onde ela é desenvolvida.

Para Cunha (2010), as definições ao longo dos anos apesar de variadas permeiam por campos comuns: a motivação da viagem, a duração desta, a origem dos turistas, os territórios visitados, incluindo a utilização de diferentes alojamentos. E para além disto, a atividade turística é permeada de outras ciências sociais o que a faz ter uma variedade de definições e chegar a um conceito fechado é uma tentativa complexa.

Para a Antropologia:

O turismo é um fenómeno sociocultural complexo que possibilita a turistas e residentes a vivência da alteridade. O turismo é uma indústria de encontros entre locais e visitantes, produtores e consumidores de bens turísticos. O turismo é também uma indústria da hospitalidade. (CHAMBERS, 2000, apud PÉREZ, 2009, p .5).

Sob a ótica sociológica,

(...) o fenômeno turístico desperta interesse por vários motivos: causa forte impacto nos indivíduos e grupos familiares que se deslocam, provoca mudança no comportamento das pessoas e agrega conhecimento àqueles que o praticam, permite comparação entre diversas culturas, contribui para o fortalecimento da identidade grupal, é um meio de difusão de novas práticas sociais e aumenta as perspectivas de obtenção da paz pela compreensão e aceitação das diferenças culturais. Contribui, ainda para a formação e a educação daqueles que o praticam. (DIAS, 2003, p 11).

Ou seja, a atividade turística até certo ponto “modifica” os seus agentes envolvidos, tanto o receptor (o anfitrião da determinada localidade visitada), quanto o turista visitante.

Segundo Pèrez (2009, p.10), “o turismo é uma forma de contacto intercultural do tipo ‘aculturação’. A aculturação é um mecanismo de mudança que consiste no contacto entre duas ou mais culturas.” Ocorre uma troca de experiências na atividade turística, a partir do contato das culturas. Aquele que visita recebe um pouco da cultura do destino visitado, bem como a cultura local tende a se modificar a partir do contato com culturas diferentes, isso consiste na cultura ser dinâmica.

Três efeitos podem resultar da aculturação, segundo Panoff e Perrin, 1973, apud Pèrez, 2009: a assimilação, quando uma cultura domina a outra e há uma perda; integração ou combinação de culturas, onde nenhuma perde nem ganha com a outra e a subcultura ou coexistência de culturas, onde há resistências das culturas, ambas ganham.

“Todo grupo necessita de uma cultura que o sustente para poder existir, vivenciada no sentido comum e repassada através de comunicação, para manter o sentido de pertencer entre seus integrantes.” (MARTINS, 2003, p.43).

É exatamente sob esses olhares que perpassa a compreensão da importância da identidade cultural. Apesar do caráter dinâmico da cultura, há uma compreensão sobre ser indispensável a preservação de uma identidade local, especialmente para a atividade turística.

Como o mundo tão globalizado, o visitante é atraído especialmente pelo que difere de sua cultura local. E essa diferença fica ainda mais nítida quando o autóctone tem o conhecimento e reconhece como valor a identidade cultural.

O grupo social constituído pela comunidade receptora pode-se fortalecer na presença do outro, particularmente, quando existem símbolos sociais

facilmente identificáveis que servem como elemento aglutinador e no qual as pessoas se identificam. (DIAS, 2003, p.112).

A valorização da identidade cultural é muito relevante para o fortalecimento da atividade turística. Tendo em vista que, a atividade é motivada especialmente pelo diferencial do outro, pela cultura que o outro tem a “oferecer” ao visitante. No entanto, não somente é importante para o visitante, mas, o é sobretudo, para o autóctone, pois este precisa conscientemente ser detentor de sua história, memória e de sua cultura.

A percepção advinda das perguntas - de onde você é, ou quem é você - em fração de segundos percorre toda a memória e busca no todo do ser 'o que é que os referencia'; na realidade trata-se do resgate de um fenômeno humano que é chamado de identidade.” (MARTINS, 2003, p.42).

Conhecer sua história e sua cultura é apropriar-se de uma identidade social.

A memória histórica constitui um fator de identificação humana, é a marca ou o sinal de sua cultura. Reconhecemos nessa memória o que nos distingue e o que nos aproxima. Identificamos a história e os seus acontecimentos mais marcantes, desde os conflitos às iniciativas comuns. E a identidade cultural define o que cada grupo é e o que nos diferencia uns dos outros. [...] A ligação entre memória e identidade é tão profunda que o imaginário histórico-cultural se alimenta destes para se auto-sustentar e se reconhecer como expressão particular de um determinado povo. (MAGALHÃES, 2005, p.29)

É este caráter de autenticidade cultural e diferenciação numa era globalizada que fortalece um determinado lugar como um atrativo turístico e um convite a sua visita.

Uma forma de entrega de toda essa identidade social e histórico-cultural está o museu. Um espaço que salvaguarda a memória de um lugar e reforça sua identidade a partir do patrimônio material e imaterial que a ele se agrega.

3.2. Museu como espaço de preservação da memória local

O museu é considerado um equipamento turístico e formador de conhecimento. Etimologicamente o termo museu, vem da raiz grega “mouseion” que remete a Grécia Antiga à espaço de culto às nove musas gregas, companheiras de Apolo, guardiãs da memória, protetora das artes e musas inspiradoras da mitologia.

Entende-se que, o primeiro museu foi erguido no Egito, em Alexandria no início do século III a. C. Além da função de templo sagrado às musas, o espaço era ainda reservado à uma biblioteca acadêmica, onde tinha função de pesquisa e espaço para reuniões e discussões entre sábios e filósofos. (OLIVEIRA, 2011, p. 95).

Em suma, na Antiguidade, o museu existia em templos inicialmente e depois também em amplos espaços públicos que juntavam objetos sagrados e objetos alusivos à riqueza e poder social. Coleccionar esses tipos de objetos eram indícios de superioridade social. Com o passar do tempo o sentido de museu vai se abrangendo. Com a efervescência da Idade Média e a expansão a produção artística, verdadeiros tesouros foram colecionados em mosteiros, conventos, igrejas, grandes catedrais serviram de museus. Porém, “a posse de objetos valiosos continuava a certificar uma afirmação social e de riqueza.” (OLIVEIRA 2011, p. 97).

Na Renascença, este sentido ampliou-se ainda mais para a pesquisa e a busca por novos conhecimentos, o caráter científico engendrou de vez o sentido do museu.

Foi durante este processo cultural, que teve o seu berço em Florença, que a palavra museu é retomada na sua forma latina (museum) e italiana (museo) para se referir a coleções e foi usada pela primeira vez, evocando a memória da Biblioteca de Alexandria. (OLIVEIRA 2011, p.98).

A palavra museu não se tratava, portanto, do espaço em que se expunha obras e outras peças, mas, a própria coleção que era feita e apresentada ao público e a soma de suas informações ali contidas. (VIEIRA, 2017, p.150).

Em 1827, Caspar F. Neickel, escreve um “Tratado Museographia”. Foi o primeiro tratado sobre a prática museográfica como a orientações a respeito do caráter enciclopedista dos museus,

recomendando a sua instalação com base no espírito científico e na didáctica, os melhores métodos de classificação e conservação das coleções, quer dos objectos artísticos, quer os provenientes da natureza ou das ciências. (NEICKEL, 1827, apud VIEIRA p.100).

Um outro marco importante foi a Revolução Francesa, “onde se iniciou um processo social preservacionista, assim como o desenvolvimento da noção ocidental de patrimônio cultural que são as raízes do conceito que conhecemos atualmente.” (AFONSO, 2016).

Contudo, essa noção ainda estava muito associada ao poder que salvaguardar estes objetos continha. O poder de fazer um artista reconhecido e valorizado, por exemplo. Muitas vezes constitui-se um espaço de auto sacralização: peças intocáveis e narrativas construídas de um determinado grupo social fortalecidos a partir da institucionalização dos museus. (OLIVEIRA, 2011). Nesse sentido, nascem os Museus Nacionais.

As coleções e espaços que muitas vezes eram para um público restrito passam a integrar a vida social, facilitando o acesso a história e memória de um público cada vez maior.

No século XX, com o aumento da criação de museus pelo mundo, começa a surgir associações de profissionais e instituições para o fomento do museu. Um Manifesto de 1970 feito pelo presidente da Associação Americana dos Museus, Joseph Veach Noble identificava cinco funções norteadoras para os museus: colecionar, estudar, interpretar e expor. (POULOT, 2013).

Em 1974, o Conselho Internacional dos Museus (ICOM) estabeleceu um parâmetro para a instituição museológica definindo assim:

O museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, e que faz pesquisas relacionadas com os testemunhos materiais do ser humano e de seu ambiente, tendo em vista a aquisição, conservação, transmissão e, principalmente, exposição desse acervo com finalidade de estudo, educação e deleite. (POULOT, 2013, p.8)

As transformações em seu conceito e objetivos vão se modificando ao longo do tempo acompanhando o desenvolvimento e interesse da sociedade. Com o passar do tempo, cada vez mais se consolidava a virtude dos museus como espaços educativos e de preservação de memória individual e coletiva.

Entende-se filosoficamente memória como:

...a capacidade de reter um dado da experiência ou conhecimento adquirido e de trazê-lo à mente; e esta é necessária para constituição das experiências e do conhecimento científico. Toda produção do conhecimento se dá a partir de memórias de um passado que é consolidado no presente. (BATISTA, 2005, p.28)

Os museus podem ser considerados “lugar de memória”¹, espaços que guardam nossa história e permite a reflexão sobre o presente e futuro a partir do passado histórico.

A memória é o que nos identifica com alguma coisa. É isso que define nossa individualidade. Isso é o que nos torna verdadeiramente únicos. Eu sou o que sou porque lembro que fui. Você é você mesmo porque se lembra de quem você é. Você não sou eu, e eu não sou você. Somos diferentes. Do jeito que a memória nos caracteriza como seres individuais ela nos torna singulares enquanto comunidade. (GASTAL, 2002). Por isso, a importância do resgate da memória histórica e da identidade cultural local. Segundo a autora, o passado quando preservado é ressignificado através dos objetos, pelos bens culturais e outros que são cada vez mais alvos do turismo pós-moderno.

O museu faz essa função muito bem, “haja vista que os museus exercem um papel fundamental como ponto agregador da memória, em seu aspecto material, simbólico e funcional” (GASTAL, 2002, 20102).

No Brasil, os museus surgem em meados do século XIX, especialmente objetivando o colecionismo e a salvaguarda da memória nacional. No Pará, com Emílio Goeldi, abre as portas do Museu Paraense em 1885, posteriormente o Museu Paulista com sob a direção do cientista de origem alemã, Hermann Vonlhering e o Museu Nacional em São Paulo sob a liderança de Batista Lacerda. E em 1922 abre-se o Museu Histórico do Rio de Janeiro.

Reconhece-se que os museus modernos estão associados aos processos de consolidação dos estados nacionais. Em um contexto no qual se buscava as raízes da nação e suas continuidades históricas, numa perspectiva de passado único e coerente, os museus podiam articular e agregar, em seus conjuntos simbólicos, narrativas que os transformavam em recintos de homenagem e celebração de um mesmo culto, que enalteciam o passado nacional. (VIEIRA, 2017, p. 151).

Os museus, portanto, carregam em si a responsabilidade de preservar a memória local, através de objetos simbolicamente representativos da cultura, predispostos a comunicar, a resgatar e a trazer à luz a história da comunidade.

¹ Conceito apreendido em GASTAL, 2002, que diz que: “Conforme a cidade acumula memórias, em camadas que, ao somarem-se, vão constituindo um perfil único, surge o lugar de memória, como aquele local, bairro, rua, prédio ou mesmo objeto em que a comunidade vê partes significativas do seu passado com imensurável valor afetivo.” (p. 77).

Espera-se que os museus abram espaço não somente para a fruição de objetos de valor estético, no entanto que comunique, informe e fomente o conhecimento de seu visitante.

O museu surge quando o objecto (sic) individualizado, singular, se dilui num todo novo, no qual adquire uma outra dimensão cultural e educativa. Esta nova dimensão é realçada na sua apresentação destacando aspectos da sua evolução e funções, bem como relações possíveis com outros fenômenos. (Moreira, 1989, APUD OLIVEIRA 2011, p.101).

Nesta dimensão, surgiram vários tipos de museus além dos museus históricos e de arte: museu de ciência e tecnologia, museu de história natural, museu etnográficos, museu da linguagem, museu da imagem e do som, entre muitos outros que podem ser conhecidos presencialmente ou virtualmente. Sendo assim, o museu entrelaça-se ao fenômeno turístico, cada vez mais estes espaços vão se preparando para mais e mais visitantes. O compromisso com o que se expõe, com o que se comunica e a construção divulgação de investigações verdadeiras é de suma importância.

Recentemente, no ano de 2022, a definição de museu foi atualizada e aprovada durante a Conferência Geral do ICOM, que o definiu como:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos. (Site institucional do ICOM).²

Agregando assim valores modernos como a inclusão, diversidade e a sustentabilidade. Destacamos o fato de o museu ser uma instituição fundamentalmente educacional, portanto, formativo e que deve ser participativo nas comunidades.

² Fonte:

https://www.icom.org.br/?page_id=2776#:~:text=%E2%80%9CUm%20museu%20C3%A9%20uma%20institui%C3%A7%C3%A3o,a%20diversidade%20e%20a%20sustentabilidade.

3.3 A educação em museus como meio de consolidação da identidade local

Ora, estando o turismo conectado a várias ciências humanas e sociais, a educação é uma delas que não fica de fora. Como fora dito por Dias (2003) anteriormente, a atividade turística possibilita a “formação e educação daqueles envolvidos na atividade. Mas como é definido educação?

Segundo o dicionário Novo Aurélio (1999) a Educação refere-se ao “ato ou efeito de educar(se)”, bem como, pode ser o “processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral de uma criança e do ser humano, em geral, visando integração individual e social.” (FERREIRA, 1999, p.718).

A princípio a educação estava estritamente relacionada à família que passava seus conhecimentos de forma geracional. As normas sociais, as crenças e valores bem como a atividade exercida pelos pais ou familiares. Quanto a educação formal limitava-se a pequenos grupos sociais. Na Grécia Antiga, a alfabetização era disponível homens livres, portanto um número reduzido, tendo em vista uma sociedade apoiada na escravidão, além de pessoas relacionadas a Academia de Platão e o Liceu de Aristóteles. Na Idade Média, às entidades eclesiásticas eram permitidas o ensino das letras e à nobreza da sociedade. Com o passar dos anos, a educação básica foi ampliando sua inclusão, no entanto, a educação superior permaneceu para um grupo diferenciado. Especialmente após os avanços sociais e conquistas científicas do século XIX, as famílias ficaram com o tempo ainda mais dedicadas ao trabalho, recorrendo cada vez mais à educação formal para seus filhos. (CHINOY, 1966).

Para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)³ todos devem ter acesso à educação de qualidade e com equidade apoiada em quatro pilares fundamentais: aprender a aprender, aprender a ser, aprender a fazer e aprender a viver. Objetivando a construção de indivíduos socialmente críticos e conscientes de seus direitos e deveres. (STUDART, 2004).

³ A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) é uma agência especializada das Nações Unidas (ONU) com sede em Paris, fundada em 4 de novembro de 1946 com o objetivo de garantir a paz por meio da cooperação intelectual entre as nações, acompanhando o desenvolvimento mundial e auxiliando os Estados-Membros – hoje são 193 países – na busca de soluções para os problemas que desafiam nossas sociedades.

No contexto da educação formal brasileira nós temos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que tem por pilares a formação da cidadania e a qualificação para o trabalho. Considera-se que estes os pilares se estendem para tudo que possa fazer parte da formação de um indivíduo como ser completo em aspectos físico, mental e social. Para a nossa legislação a Educação se dá por meio dos braços da família, da escola e do Estado. No Art. 1º da LDB diz que “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.”

De modo informal, o ato de educar-se está em todos os lugares. Segundo Brandão (2007), não tem como alguém ser capaz de escapar da educação. Pois ela está presente todos os âmbitos da sociedade. É inerente a nossa natureza humana. Aprende-se e ensina-se até mesmo pelo convívio. “Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante.” (p.9)

Gohen (2014) diz que a educação formal é o processo de aprendizagem e saber dentro das escolas em um sistema regular de ensino. Com as mudanças sociopolíticas das últimas décadas cada vez mais estuda-se a respeito da educação não-formal, mais participativa que possibilita maiores construções de conhecimentos e saberes. Considerando que para a autora, “a educação não formal é aquela que se aprende ‘no mundo da vida’, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas.”

Durante a maior parte da história humana, a maioria das pessoas logrou os conhecimentos e habilidades de que precisava e adquiriu os valores e perspectivas de sua sociedade sem as vantagens da educação formal. [...] Hoje em dia, a educação formal pode começar no jardim de infância e terminar num curso avançado de doutoramento, abrangendo considerável proporção de todo o tempo de vida do indivíduo. Claro está que a educação, no sentido mais lato, não se limita à sala de aulas, nem termina, como nos recordam os chavões familiares, ao completar-se o período escolar. Faz parte do complexo processo de socialização, que transforma a criança num ser social, capaz de participar da vida da sociedade, e continua enquanto lhe for preciso aprender a adaptar-se a novas circunstâncias e a desempenhar novos papéis. (CHINOY, 1967, p. 533).

Os museus criam condições para o conhecimento, a compreensão e a promoção do patrimônio natural e cultural. O aspecto educacional é fortemente perceptível nos espaços museológicos conforme atesta o ICOM (2004) que define o papel educativo dos museus, promovendo a curadoria educativa e exposição a favor do ensino são justamente citados como parte dos oito princípios do International Council of Museums (ICOM), em seu Código de Ética:

Os museus têm o importante dever de desenvolver o seu papel educativo atraindo e ampliando os públicos egressos da comunidade, localidade ou grupo a que servem. Interagir com a comunidade e promover o seu patrimônio é parte integrante do papel educativo dos museus (ICOM, 2009, p. 19).

Brandão (2007) ressalta que “a educação aparece sempre que surgem formas sociais de condução e controle da aventura de ensinar-e-aprender.” (p.26).

Diante do exposto percebe-se que as duas ciências tanto o Turismo quanto a Educação têm seus pontos de contato, semelhanças e forças que relacionadas podem ser potencializadas. Se para o Turismo de Cultural é importante que haja uma consolidação da identidade local, a educação vem como um suporte para que isto ocorra. Por meio da educação é possível preparar um destino turístico que se auto reconhece e se autovaloriza evitando desgastes dos autóctones na troca de experiências entre estes.

Independente do seu alcance, a educação contribui em fatores importantes em cada ambiente em que se estabelece.

À sociedade como um todo, proporciona a preservação e a transmissão da cultura. Consoante a observação de Émile Durkheim, é “acima de tudo o meio pelo qual a sociedade recria perpetuamente as condições da própria existência.” Transmitindo de uma geração a outra crenças firmadas, conhecimentos, valores e habilidades, concorre para a continuidade e a persistência de uma vida social organizada. (CHINOY, 1967, p.541).

No caso da educação turística, vemos pela ótica de formar cidadãos conhecedores de sua história e detentores de um poder de valorização cultural, o que não dissocia do próprio indivíduo.

Educar visando formar cidadãos críticos e participativos é uma maneira de envolver os educandos nos acontecimentos cotidianos, despertando uma postura ativa e engajada sobre as questões sociais. A educação turística vem a somar com esse movimento, já que por meio desta apresentamos a importância de se preservar valores referentes à cultura e ao meio ambiente natural. Defendemos uma educação turística preocupada com a formação dos jovens, visando fornecer conhecimentos que agreguem e, conseqüentemente, complementem a formação básica dos educandos. (FONSECA FILHO, 2007, p.6)

Fortalecendo as memórias e construindo sua identidade cultural, o indivíduo é capaz de se relacionar melhor com os seus semelhantes, bem como, com os agentes que estão envolvidos na atividade turística em sua localidade. E para que esse processo seja possível, a educação deve constituir-se um meio de formar uma visão sócio crítica e consciente da comunidade, refletindo sobre seu patrimônio e existência, para que seja possível o desenvolvimento contínuo das atividades na sua cidade.

Os museus, ao se reconhecerem que, além das funções de preservar, conservar, expor e pesquisar, são fundamentalmente instituições a serviço da sociedade, buscam por meio de ações educativas tornar-se elementos vivos dentro da dinâmica cultural das cidades.” (STUDART, 2004, p. 139).

Dentro da dinâmica de evolução dos museus surge a ideia de centros culturais. O caráter somente expositivo, amplia-se para um conjunto de ações que são realizadas nos espaços dos museus. A exposição em si pode não ser fixa, mas variante de acordo com a necessidade do diálogo e interesse da comunidade e dos profissionais dos museus.

O museu integral confunde-se com o centro cultural, abrigando outras áreas de conhecimento. O seu acervo deixa o espaço sagrado e vai revelar-se em outros lugares anteriormente jamais pensados, como os centros comerciais, ruas, praças e praias (Lima 2001, 6). Rompe fronteiras, ganha o título de espaço vivo pela nova dinâmica que se propõe e pela própria concepção de vida que essa rotura e vivacidade que proporciona. [...]. por tudo isso ficamos defronte do museu e interrogamo-nos se ele ainda é museu. Olhando pela ótica dos paradigmas emergentes acreditamos que estamos diante de um novo museu, o museu do nosso tempo. (OLIVEIRA, 2013, p.2).

Espaços de lazer, contudo de muita informação e troca de conhecimentos. Inclusive um dos perigos atuais para os museus consistem em querer disputar com a indústria mercadológica de entretenimento, apesar de fazer parte do desta lógica o

museu pode acabar desvirtuando seus objetivos primários de ensino para focar no entretenimento. (CUNHA, 2010).

Para os educadores em museus, cabe a tarefa de formar uma identidade consistente a partir dos conhecimentos e pesquisas compartilhadas com o público com responsabilidade acerca do conteúdo apresentado.

4 A CASA DE CULTURA HUGUENOTE DANIEL DE LA TOUCHE

A Casa de Cultura Huguenote Daniel de La Touche foi inaugurada em 8 de setembro de 2014, está localizada na Rua Djalma Dutra, 128, Centro, São Luís, Maranhão. Em um prédio colonial, que se acredita ter sido de Catarina Mina, que também é o nome popularmente dado à rua: Beco Catarina Mina. Tem como objetivo principal guardar a memória da fundação francesa protestante de São Luís, o museu homenageia o tenente general Daniel de La Ravardière. Para a compreensão dos assuntos abordados pela Casa traremos uma contextualização histórica da fundação da cidade de São Luís, fato que ocorreu em 1612.

As informações inseridas neste capítulo partem da pesquisa de observação e especialmente das entrevistas com as pessoas responsáveis e envolvidas com o museu, site da instituição, bem como, pesquisas bibliográficas.

4.1 Contextualização histórica da fundação da cidade de São Luís

A cidade de São Luís fez parte de um projeto ousado do Senhor de La Ravardière, general-tenente da marinha francesa que tentara por terras maranhenses instaurar a França Equinocial. A atual capital maranhense teria este nome, França Equinocial, devido a sua localização abaixo da linha do Equador. Vindo anos antes de uma tentativa frustrada de inaugurar a França Antártica (1555-1567), na Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, Daniel de La Touche acompanhado de mais 500 homens engendram-se em mais uma expedição.

Por meio de um tratado, Espanha e Portugal dividiram as terras do Ocidente a serem exploradas entre si. A partir do Tratado de Tordesilhas (1494), legitimado pela Igreja Católica, a França ficara de fora dessa partilha. No entanto, esta desconsidera o Tratado de Tordesilhas e preparou-se para expedições rumo à América.

A França nos séculos XV, XVI e XVII, não reconhecia a exclusividade concedida pela Santa Sé aos portugueses e espanhóis para a exploração e domínio das terras descobertas ou ainda por serem descobertas no Novo Mundo, a América hoje, as Índias Ocidentais de então. Em outras palavras, não acolhia a tese do mare clausum, afirmada no Tratado de Tordesilhas (1494) e em várias bulas papais de partição do Mar-Oceano. A observação espirituosa do Rei francês Francisco I de que gostaria de tomar conhecimento da cláusula do

testamento de Adão que o excluía da partilha do mundo célebre. (FERRO, apud NOBERTO, 2012. p. 17)

A tentativa dos franceses em terras brasileiras era além do interesse comercial e econômico também era de cunho religioso.

Pretendiam [os franceses] garantir a exploração do pau-brasil no litoral sul e conseguir um espaço onde os protestantes franceses pudessem exercer livremente sua religião. Fizeram amizade com os índios tupinambás, que, junto com outras nações indígenas, guerreavam com os portugueses contra sua escravização. A união das tribos indígenas contra os portugueses ficou conhecida como a Confederação dos Tamoios. (Site governamental do Rio de Janeiro⁴. **(grifo nosso)**)

Mas, a consolidação da França Antártica não se efetivou pois Portugal reage e manda reforços para expulsar os franceses do seu território.

A luta com os franceses prosseguiu até 1567, quando Estácio de Sá recebeu reforços militares e ajuda de índios, chefiados por Arariboia, adversário dos tamoios e aliado dos portugueses. Por seu lado, os jesuítas, liderados por Manuel da Nóbrega e José de Anchieta, pacificaram os índios tamoios de São Vicente, fazendo com que retirassem seu apoio aos franceses, em troca da promessa de não serem mais atacados nem escravizados. Sem esse apoio, os franceses não conseguiram resistir, sendo definitivamente expulsos do Rio de Janeiro. (Idem.)

Apoiado pelo rei Henrique IV, como quem já havia relatado sobre as riquezas que encontrara no norte do Brasil, Daniel de La Touche preparou-se para a nova expedição francesa. Nesse ínterim, o rei foi assassinado e como seu substituto era menor de idade, o trono foi regido por sua mãe Maria de Médicis. A rainha regente decidiu por dar continuidade ao plano do rei Henrique IV. Então, associado a François de Razilly e Nicolas de Harlay, que financiavam também a expedição, La Touche retorna as terras maranhenses com o objetivo de ali estabelecer uma colônia protestante francesa.

La Ravardière passou ano e meio no Maranhão em viagem de avaliação e quando tudo parecia bem encaminhado, recebeu uma péssima notícia: o rei Henrique IV havia sido assassinado no dia 14 de maio de 1610. A conjuntura política mudara completamente com a ascensão ao trono do menino Luís XIII, sob a tutela da rainha regente Maria de Médicis, católica fervorosa que não via com bons olhos o líder protestante da futura expedição. A rainha

⁴ Fonte: <https://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/historia-do-brasil/america-portuguesa/8730-a-fran%C3%A7a-ant%C3%A1rtica>

não tinha a mesma isenção religiosa de seu finado marido, ex-protestante. Por isso, limitou-se a confirmar a carta-patente de julho de 1605, outorgada por Henrique IV, mas não concedeu nenhum apoio financeiro a La Ravardière. (MARIZ, apud NOBERTO, 2012, p.38).

Daniel de La Touche era de família nobre e enveredou para a nova religião protagonizada pelos protestantes, huguenotes, como eram conhecidos os franceses que se convertiam ao Protestantismo. Acredita-se que a cidade de São Luís tinha o intuito de ser o reduto de refúgio dos huguenotes que há mais de um século resistiam às guerras religiosas.

Devido a duras repressões, batalhas e perseguições Daniel pretendia fundar um país onde existisse uma liberdade religiosa. Mas, é sabido que ele, para colocar seu plano em prática, precisou aliançar-se com os padres capuchinos.

Afirma o suíço Nicolas Fornerod que “a concepção da França equinocial foi, sobretudo, “obra de protestantes”, mas que La Ravardière foi constrangido a aceitar a colaboração de uma missão de capuchinhos imposta pela rainha. Aborreceu-se ainda mais com a carta de despedida de Maria de Médicis, exigindo, que só a religião católica fosse ensinada aos indígenas e que todos os protestantes da expedição deveriam regressar à França discretamente. (MARIZ, apud NOBERTO, 2012, p.38).

Em terras maranhenses desde 1524, os franceses conquistaram a confiança dos nativos tupinambá que habitavam a região e ficaram sendo chamados de papagaios amarelos, por serem loiros e por serem considerados muito falantes.

A aliança dos gauleses com os primitivos habitantes foi de grande proveito para La Ravardière e seus comandados, visto que, quando estes desembarcaram no esquecido e abandonado Maranhão, foram recebidos cortesmente pelos tupinambás (sic), o que não acontecia em relação aos portugueses, de quem eles guardavam ressentimentos, desde o tempo do descobrimento do Brasil. (FERRO, apud NOBERTO, 2012, p. 52).

Os Tupinambá eram um povo indígena que em sua cultura praticavam o canibalismo em favor de adquirir a força do inimigo que era devorado. A prática da antropofagia, no entanto, não foi praticada com os franceses provavelmente pela estratégia diferenciada com que estes fizeram aliança com o povo tupinambá.

Os franceses protestantes e católicos decidiram então “oficializar a grande ilha de Upaon Açu como sede do seu projeto França Equinocial. Participaram da expedição “Charles Des Vaux, Nicolas de Harley, Froançois de Razilly, dentre outros nobres franceses, os capuchinhos Yves d’Evreux, Claude d’ Abeville, Arsene de

Paris e Ambroise d'Amiens e cerca de 500 comandantes” (Ferro, apud NOBERTO, 2012, p.52) e partiram da França em 19 de março de 1612.

Em terras maranhenses a comitiva francesa visitou 27 aldeias fortalecendo alianças através de escambos, e propagação do evangelho a partir da própria cultura tupi. Mas, antes, em 8 de setembro de 1612, declararam oficialmente a cidade de São Luís fundada com uma cerimônia de estabelecimento de uma cruz e a construção do primeiro forte.

Deram início à edificação de um rústico forte, com madeiras fortes e de boa qualidade, ao qual batizaram de São Luís em homenagem ao rei menino Luís XIII, de França, para a segurança da cidade que dele se originaria; à construção de um armazém para guarda de mantimentos; de uma capela e do Convento de São Francisco, para celebração dos ofícios religiosos e residência dos capuchinhos; e de casas residenciais, algumas de dois pisos, todas de folha de pindoba, para moradia dos colonos, tudo isso contando com a boa vontade e a ajuda dos nativos, inclusive de velhos e crianças. (FERRO, apud NOBERTO, 2012, p.53).

Os portugueses por sua vez, estavam em aliança com os espanhóis com chamada União Ibérica, se consideravam donos do território decidiram ir proteger o que era seu por meio do Tratado de Tordesilhas, para isso enviou uma comitiva averiguar a situação e para expulsar os franceses definitivamente.

O domínio francês na costa norte alertou os países que compunham a União Ibérica (1580-1640), Portugal e Espanha. Com o objetivo de conhecer a conquista francesa, foi enviado ao Maranhão o português Martim Soares Moreno, que incendiou armazéns franceses. Nesse momento os franceses dividiam-se em três grupos: um de reconhecimento ao rio Amazonas sob o comando de Daniel de La Touche, outro com destino à França para buscar recursos e um terceiro se manteve em Upaon-Açu. (BOTELHO, 2008, p.22).

Segundo Botelho (2008), foi enviado uma outra comitiva comandada por Jerônimo de Albuquerque para combater os franceses, que derrotados ainda resistiram por um ano no território. Sendo derrotados e expulsos somente a partir da Batalha de Guaxenduba na região do Munim, no ano seguinte.

Apesar de estarem em maior número, uma das causas da derrota dos franceses no território maranhense foi a falta de apoio da corte francesa, pois o jovem rei Luís XIII havia se casado com a princesa espanhola Anne d'Autriche reforçando a aliança da França com a Espanha que contrariava os interesses luso-espanhóis em terras brasileiras. (Obermeier, 2004).

Para os portugueses pairava a crença de uma extrema proteção divina que sobrepujava sobre os eles, entendiam haver uma benção sobre eles por isso as vitórias sobre os franceses. Inclusive conta-se da Batalha de Guaxemduba onde os portugueses ficaram sem pólvora e rogaram a Nossa Senhora que os ajudassem e com a ajuda celestial a areia do mar teria se transformado em pólvora dando vitória aos portugueses e expulsando definitivamente os franceses do território.

Dessa forma, a narrativa de que os portugueses fundaram a cidade de São Luís foi fortemente divulgada e propagada, fazendo com que a imagem dos franceses sempre fora de invasores que não deixaram nenhum legado físico consistente a uma fundação na cidade. Como afirma a historiadora Lacroix (2002): “Cronistas e historiadores do Maranhão, dos séculos XVII, XVIII e XIX, consideraram os franceses invasores, pouca importância deram à sua ação entre 1612 e 1615 e não tiveram dúvidas em atribuir a fundação de São Luís aos lusitanos.” (p.61).

Para a pesquisadora e historiadora Lacroix (2002) o que os franceses fizeram aqui não se configura uma fundação de uma cidade pela situação de invasão territorial e sob a justificativa de que na cidade nada foi construído pelos franceses de significativo ou relevantes, somente cabanas de madeira e palha que fora rapidamente destruída pelos portugueses. E o rito da cruz fincada no solo nada mais representava que um rito costumeiro da Igreja Católica ao adentrar em um território não cristão. O que ocorreu aqui na verdade foi uma simples “cerimônia de posse”, não a fundação de uma cidade.

A mercê que, para Noberto (2012) há mais que provas de que a cidade foi legitimamente fundada por franceses.

Pode-se saber facilmente se os franceses fundaram ou não São Luís com a simples comparação com as demais fundações brasileiras da época, onde cem por cento delas se davam em condições extremamente frágeis [...] O marco fundacional quase sempre é o término da construção do forte (praticamente todos de madeira, palha e barro, só depois construídos em pedra), outras nasciam a partir da edificação de uma capela e a celebração de uma missa. (NOBERTO, 2012, p 112).

Noberto (2012) cita ainda o doutor Leonardo Benévolo que considera quatro pilares para a consideração histórica da fundação de uma cidade, sendo elas: “alteração do espaço físico natural [...], presença de um governo oficial; delimitação territorial e local de ajuntamento cívico-militar (representado geralmente pela praça.)”

(p.112). Desta maneira, a fundação de São Luís perpassou por todos os pilares, bem mais que outras fundações portuguesas, segundo o autor.

O fracasso da tentativa de colonização francesa no Maranhão em 1615 é um dos episódios mais importantes do período colonial da história do Brasil. Estranhamente, os acontecimentos da chamada França Equinocial têm sido relativamente pouco estudados e são quase desconhecidos da grande maioria dos brasileiros. (MARIZ, apud. NOBERTO, 2012, p.35).

Sob a perspectiva da fundação francesa de São Luís, sob o viés protestante é baseada a Casa de Cultura Daniel de La Touche, como um espaço de fortalecimento e resgates da identidade cultural maranhense. Não permitindo que esta parcela tão importante de nossa história seja esquecida ou deixada de lado, mas que seja reconhecida e valorizada por todos especialmente pelos autóctones.

4.2 História da formação da Casa de Cultura Huguenote

A Casa de Cultura Huguenote Daniel de La Touche é de iniciativa privada e foi idealizada anos antes de sua fundação, por Gláucia Rosane Pacheco Tavares, graduanda em história, técnica em museologia social.

A idealização da Casa se deu a partir de uma visita da sua fundadora à Alemanha. Na cidade de Wittenberg, na casa do reformador Lutero. Por meio de uma experiência espiritual a pesquisadora sentiu-se sendo chamada a um propósito de resgatar a história protestante de sua cidade onde vive.

Eu estava na cidade de Wittenberg na Alemanha a cidade chamada capital da Reforma, na casa de Lutero quando eu recebi uma orientação de Deus no meu coração para afundar aqui em São Luís uma Casa que contasse também a fundação de São Luís por ser uma fundação de um huguenote, um francês protestante. (Entrevista concedida por Gláucia Rosane, julho 2023).

Na Alemanha, Gláucia Rosane pôde se deparar com uma realidade: o cuidado em preservar a história luterana na cidade visitada partiu de uma iniciativa privada, cidadãos comuns eram os responsáveis por salvaguardar a memória histórica tão importante para a humanidade: as teses de Lutero que iniciaram um período de reforma cristã na Europa. Atendendo a seu chamado, no ano de 2011

iniciou um processo de intensa pesquisa e aprofundados estudos na busca de recolher o máximo de informações e materiais que contasse a história da colonização ludovicense a partir da vinda francesa à cidade de São Luís. Fez o curso de museologia social, formou um grupo de universitários de variadas áreas para reuniões com tempestades de ideias, foi assim que elaborou o roteiro museológico da Casa de Cultura. Com todos os trâmites para o projeto sair do papel foi a FUNC (Fundação Municipal de Cultura) de São Luís e pediu apoio para a realização do projeto, foi-lhe dito que não era de interesse do município. Foi então, que entendeu que o projeto deveria ser realizado por ela própria. Uma fundação independente e livre ideologicamente, funcionando a partir de trabalho voluntário.

Em 2012, aconteceu uma ação com apoio da prefeitura de São Luís marcando a história da Casa como autorização simbólica para a fundação da Casa e em comemoração aos 400 anos da cidade de São Luís. Os dois anos seguintes a fundadora da Casa, dedica-se ao estudo das artes plásticas paralelo a pesquisas históricas e a produção artística de quadros que expressasse os personagens e as cenas da história contada pelo museu. A Gláucia Rosane é a curadora do museu e artista que produziu várias obras que ali estão expostas.

A curadoria sou eu, Gláucia Rosane Rodrigues Pacheco Tavares. Eu faço naquilo que eu acredito, eu acredito muito na sensibilidade histórica que a cidade tem e eu vou me envolvendo com acervo também além do sentimento, da história, da pesquisa que eu faço, eu também percebo e cresço quando eu guio pessoas dentro da casa e o que as pessoas dizem: E por que não isso? Tu não acha que tá é bom fazer isso? Tu não acha que precisa disso ? Então o público também me fez crescer muito durante esses 10 anos, quando eles me propõe ideias eles falam sobre o que falta na casa então a curadoria da casa ela foi gerada nesses sentimentos, em sensibilidade histórica, em pesquisa, e muitas experiências de viagens inclusive uma das maiores foi a do Norte de Israel. (Entrevista concedida pela presidenta da Casa Gláucia Rosane, julho 2023).

A escolha do nome da Casa é em homenagem a Daniel de La Touche ou também conhecido como senhor de La Ravardière, francês protestante que era tenente da marinha francesa que enveredou no mar Atlântico com sua comitiva com o objetivo de instaurar a França Equinocial. Em setembro de 2014, no dia datado da fundação francesa de São Luís, a Casa é aberta ao público com o espetáculo “Daniel de La Touche” tornando-se o primeiro museu protestante do Brasil. O qual

tem por objetivo principal fortalecer a identidade cultural da colonização de São Luís fraco-protestante.

4.3 Infraestrutura

O museu foi instalado em um prédio alugado localizado na rua conhecida como Beco Catarina Mina, bem no Centro Histórico de São Luís, (Ver Figura 1 e 2) interligada à uma das principais ruas, a Rua Portugal que conta com o maior número de casarões coloniais com fachada azulejar português.



Figura 1: Beco Catarina Mina
Fonte: Registro particular



Figura 2: Casa de Cultura Huguenote
Fonte: Registro particular

Apesar de não se ter confirmação, é provável que o prédio que abriga o museu Casa de Cultura Huguenote pertenceu a célebre Catarina Mina, uma ex-escrava que conseguiu arrendar altos valores para comprar não só sua alforria, mas, a de outros escravos, tornando-se uma grande comerciante possuindo bens e escravos, inclusive o provável prédio em questão. Na figura 3, é possível ver as iniciais CM no gradeado superior à porta principal da casa. Não se sabe ao certo se foi feito anos após o batismo da rua de Beco Catarina Mina, representando, portanto, o nome da rua ou se de fato era para representar a quem pertencia o prédio, um

costume comum na época colonial. O espaço é de propriedade privada e é cedido por meio de contrato de aluguel.



Figura 3: Símbolo CM no gradeado da porta do prédio
Fonte: Fotografia da autora.



Figura 4: Prédio 128A e sua localização
Fonte: IPHAN/2006

O prédio que hoje abriga o museu é um imóvel de tombamento⁵ individual. Abaixo destacamos uma fotografia do prédio publicada pela revista do senado

⁵ O tombamento é ato administrativo realizado pelo Poder Público com o objetivo de preservar, por intermédio da aplicação de legislação específica, bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população, impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados. Esse instrumento coloca sob tutela do Estado bens dignos de preservação. (BOGÉA (org.), 2005, p.32).

produzida pelo IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional): *Cidades Históricas Inventário e Pesquisa São Luís* (2006, p.179), bem como a planta de localização também disponível na revista citada. (Ver Figura 4).

A Casa está dividida em salas de exposição, uma área para cafeteria, espaço para foto e descanso, outro espaço abriga uma loja de souvenirs e uma biblioteca para leitura de obras de assuntos relacionados a proposta da Casa, que apesar de ser um pequeno espaço conta com muitas obras significativas que fundamentam a história francesa na cidade. (Apêndice 1). Tais como: “1612”, de Ana Luiza Almeida Ferro, “Os papagaios amarelos” de Maurice Pianzolo e “Viagem à terra do Brasil” de Jean Lèrry, um dos escritores que deixou registrado a viagem missionária ao Brasil no século XVI. E outros títulos importantes. (Ver Anexo 1).

O livro que conta toda a história da malograda França Antártida foi um sucesso ainda no século XVI, traduzido em várias línguas como o holandês, o alemão e o latim, que era a língua universal daquela época. Era lido em seu tempo como livro de viagem e aventuras, gozando de grande popularidade até o século XVIII, quando deixou de atingir o grande público e passou a ser um documento para eruditos e historiadores. (Caderno. Série documentos Históricos⁶).

A Casa de Cultura funciona atualmente de segunda a sexta-feira das 14h às 18h e aos sábados pela manhã das 9h às 12h. O prédio possui três pavimentos, sendo dois destes abertos ao público: o térreo que tem a exposição sobre a cultura dos nativos em terras maranhenses, os Tupinambá; a cafeteria, uma loja de souvenirs e livros, com possibilidades do público levar obras correlativas ao museu; o primeiro andar em que se encontra a exposição sobre a colonização francesa da Grande Ilha de São Luís. O último piso é reservado para o setor administrativo da Casa, e funciona como uma torre de oração.

4.4. Estrutura Administrativa

A Casa de Cultura é um local privado que exerce essencialmente uma atividade voluntária, presidida pela senhora Gláucia Rosane Rodrigues Pacheco Tavares que é responsável pela pesquisa e curadoria do museu. O senhor Mauro Sérgio Asevedo Morais é o vice-presidente, o senhor João Guilherme Tavares é

⁶ Disponível em: http://www.rbma.org.br/rbma/pdf/Caderno_10.pdf

diretor administrativo, o senhor Rodolfo Arranjo Tavares de Melo é diretor de assuntos internacionais e a senhora Sabrina Aguiar Silva é diretora administrativa. A Casa possui também uma equipe para cuidar da parte promocional da Casa cuidando de suas redes sociais (o museu possui páginas no Youtube, Instagram, Facebook e um site próprio)⁷. Nosso contato maior durante a pesquisa foi com a diretora da Casa é a Sabrina Aguiar que é voluntária há 6 anos. Todos da presidência aos monitores prestam serviço voluntário. Estando organizados como o organograma da Figura 5. O museu possui um estatuto de fundação e um regimento interno. Bem como um plano museológico, que tivemos acesso, disponível no Anexo II.

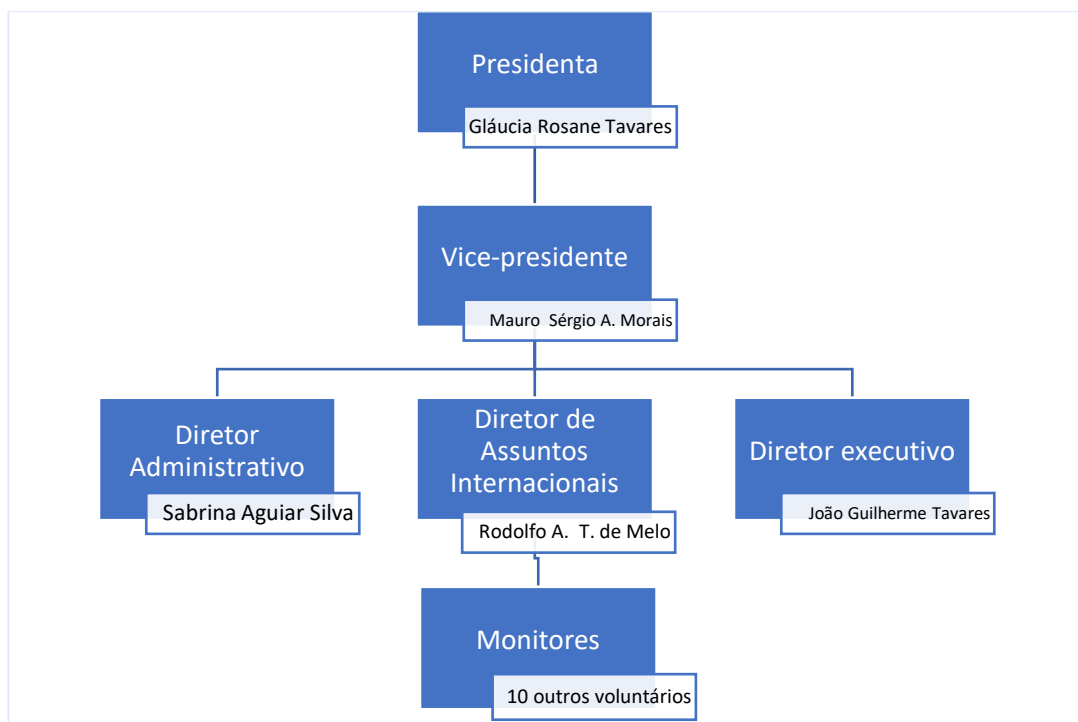


Figura 5: Organograma organizacional da Casa de Cultura Huguenote

Fonte: Autora

A Casa por não ter fins lucrativos é mantida por meio de doações a partir de um projeto chamado Amigos do Museu, onde as pessoas interessadas determinam

⁷Youtube, canal @casadeculturahuguenote, disponível em:

<https://youtube.com/@casadeculturahuguenote>

Instagram: @casadeculturahugeunote, disponível em:

<https://instagram.com/casadeculturahuguenote?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>

Facebook: Casa de Cultura Huguenote Daniel de La Touche, disponível em:

https://m.facebook.com/profile.php?id=100047802764513&name=xhp_nt__fb__action__open_user

Site: <https://casadeculturahuguenote.com/>

um valor mensal de contribuição para a instituição e doam mensalmente. Aqueles que decidem por serem amigos do museu têm acesso livre aos eventos proporcionados pela Casa, acesso à biblioteca e acervos do museu sem a necessidade de pagar a taxa de visitação que custa R\$ 3,00 (três reais), outra fonte de receita da Casa. Além destas, outra fonte de recursos para a Casa é a cafeteria, espaço para venda de café e lanches que os próprios monitores são treinados para também prepararem e servirem nesta área, da monitoria na exposição. (Ver Tabela 1).

RECEITAS DA CASA DE CULTURA HUGUENOTE	
PROGRAMA AMIGOS DO MUSEU	Contribuição mensal
TICKET DE VISITAÇÃO	Diário
CAFETERIA	Diário
LOJA DE SOUVENIRS	Diário
Doações	Esporadicamente
Outras vendas externas	Esporadicamente

Tabela 1: Relação das receitas da Casa de Cultura Huguenote.

Fonte: Autora.

Os monitores são em número de 10 pessoas, todos voluntários e que trabalham em escalas de duas a três pessoas por dia e são responsáveis e treinados tanto para a Cafeteria (falaremos mais à frente), quanto para o trabalho de mediação da exposição museal. Destes, dois têm o domínio de língua estrangeira. A equipe de monitores é treinada por meio de palestras presenciais e online (especialmente no contexto de anos recentes de pandemia), ou ainda individualmente como uma forma de retirar as dúvidas.

Entrevistamos seis monitores que estão efetivamente atuantes na casa. Sendo 5 do sexo feminino e um masculino, entre 16 e 29 anos. (Ver Apêndice 2). Quanto a formação deles, um deles ainda cursa o Ensino Médio, dois tem o Ensino Médio completo, outro com superior incompleto, outro formado em Direito e ou em Pedagogia.

Quando perguntados sobre o que os motiva a ser voluntários na Casa, foram citados:

- O propósito da Casa de Cultura em expandir a história da fundação da cidade para todos;
- A forma como foi contada a história da cidade, o amor pela história das pessoas que trabalham na Casa;
- A compreensão do que é ser voluntário e a necessidade sentida de que, de alguma forma, possa servir a cidade.
- A história protestante da cidade e a possibilidade de olhar os conhecimentos de história em si com uma visão mais realista;
- E por fim, a motivação de compartilhar a verdade.

Percebe-se que em suma as motivações estão relacionadas ao propósito da Casa, aos sentimentos de pertencimento e o entendimento da necessidade de compartilhar a verdadeira história de fundação da cidade de São Luís.

Foi perguntado ainda, se antes do contato deles com a Casa de Cultura eles tiveram acesso às informações que são discutidas pela Casa. Dos 6 entrevistados, 5 deles não tinham conhecimento prévio, um sim, já sabia ainda que não profundamente sobre a fundação francesa de São Luís.

Vale ressaltar que, por seu trabalho voluntário, a Casa de Cultura Daniel de La Touche foi premiada nacionalmente a partir do Prêmio Pátria Voluntário (2020), como parte do projeto criado pelo presidente Jair Messias Bolsonaro coordenado pela então, primeira-dama, Michele Bolsonaro. O concurso foi realizado entre instituições voluntárias de todo Brasil, sendo premiadas uma em cada região. A Casa foi a escolhida e premiada da região Nordeste. Elevando seu destaque nacional e com o prêmio em dinheiro (R\$50.000 reais) possibilitando que a instituição se reerguesse em sua manutenção e reestruturação do acervo.

Segundo a presidenta da Casa, estavam prestes a fechar a Casa quando o prêmio aconteceu.

Nessa época estávamos decididos em fechar Casa, a gente não estava tendo mais condições de continuar com a Casa, até porque o nosso acervo nós tínhamos muitos sonhos, mas nós não tínhamos condição, não tínhamos nenhuma possibilidade, nós mal pagávamos o aluguel da casa e então pensar no acervo e melhorar o acervo era um sonho então, quando a gente pensou em acabar, o governo federal lançou o projeto Pátria Voluntária premiando através de um concurso os projetos voluntários mais excelentes por região, então nós fomos premiados na região nordeste em primeiro lugar e o prêmio nos deu R\$ 50 mil reais de presente e nós investimos no acervo, que foi um desenvolvimento pro acervo para o

crescimento da Casa e uma energia que nós ganhamos assim muito, muito muito favorável para a gente não desistir mais.
(Entrevista concedida pela presidenta da Casa Gláucia Rosane, julho 2023).

O reconhecimento nacional do trabalho totalmente voluntário prestado a comunidade turística e ludovicense por toda esta equipe legitima sua importância e significância na construção da identidade local, e os motiva a não retroceder ou desistir.

4.5 Acervo

Com o projeto da fundação da Casa, a presidenta saiu a procura de artefatos, obras de artes e documentos que pudesse fomentar o conceito museológico e apresentar ao público suas pesquisas.

E aí montamos primeiro o roteiro museológico em cima do meu conhecimento, a partir daí eu fui estudar artes plásticas né e comecei a pinta as telas, pedir para outras pessoas também doarem, foi cedido, concedido. Depois, procurei professor Antônio Norberto para levar o acervo dele que estava em casa sem exposição. E aí ele se juntou a gente para fazer a exposição França Equinocial também na casa e nós começamos a trabalhar tanto a história da fundação Francesa e principalmente a atuação dos protagonistas da história, do caso de São Luís, que são os tupinambá, com Daniel de La Touche e a exposição França Equinocial do professor Antônio Noberto. (Entrevista concedida pela presidenta da Casa Gláucia Rosane, julho 2023).

As portas foram abertas com reforço da exposição temporário intitulada “França Equinocial para sempre” de organização pelo pesquisador Antônio Noberto. Em 2020 foi remodelado um novo acervo hoje possui acervo totalmente próprio e com algumas peças ainda em construção. Constantemente é remodelado, acrescentado e revitalizado.

A curadoria do museu foi realizada pela presidenta da Casa que a partir de estudos minuciosos escolheu trazer a público peças que narram a história dos antepassados tupinambá e da fundação da cidade de São Luís.

O processo de musealização é apresentado, pelos teóricos da museologia, como o movimento dotado de reflexão em que o produto humano (artefato ou mentefato), utilizado e expressado em suas diversas atividades, passa a fazer parte da coleção de um espaço institucionalizado, que é denominado museu. Para a museologia, este processo ressignifica o produto humano atribuindo-lhe um novo estatuto, tornando-o “objeto de museu” ou

“musealia”. Nesta condição, o item da cultura material, se torna único, eleito por sua condição simbólica, como o representante de sua categoria. (Vieira, 2017, p. 141).

Dessa forma, apesar de muitas obras desta Casa não serem frutos diretos de seus autores, são representações que expressam a cultura local, bem como sua história.

Quase que cem por cento das peças expostas têm um código para acesso rápido de informações (QR Code) no qual o visitante pode apontar a câmera do seu celular e acessar (ler ou ouvir, em português ou inglês) as informações a respeito da peça atrelada a ele, fazendo assim um guiamento virtual. Foi baseado nele que contamos aqui um pouco da história de cada peça selecionada, bem como baseado nas monitorias e entrevistas realizadas. (Ver Figura 6).



Figura 6: QR code para o guiamento virtual
Fonte: Autora

O acervo constitui-se na parte térrea a sessão sobre os Tupinambá, os principais habitantes do território maranhense antes da chegada dos europeus. (Figura 7).



Figura 7: Parte térrea da Casa
Fonte: Registro da autora

Telas em pintura e grafismos revelam a beleza do indígena Tupinambá e de sua cultura. Antes, o museu resgata um pouco mais de história com a origem destes povos a partir das peças como a busto do que seria o rosto do fóssil mais antigo encontrado na América do Sul conhecido por Luzia, expondo uma escultura de Eduardo Sereno que representa o fóssil. (Ver Figura 8). Segundo a Casa de Cultura, pesquisas mais recentes contataram ser um fóssil de um homem com traços genéticos asiáticos, o que avigoraria a linha de pesquisa que constata a origem asiática do povo Tupinambá que a milhares e milhares de anos migraram para o território brasileiro.

Na figura 9, trouxemos a figura da escultura de Edimar Nardaci, que representa uma embarcação fenícia datada de 2000 anos. É provável que os primeiros habitantes da América tenha sido o povo fenício, que ao longo dos anos migraram para a região sendo os possíveis ancestrais da etnia tupi.

Além do Estreito de Bering, estudam-se outras possibilidades de migrações para estas terras, dentre elas, a teoria de Ludwig Schwennhagen no seu livro "Antiga História do Brasil de 1100 a.C a 1500 d.C". Nesse livro ele apresenta uma tradução do livro do historiador grego Diodoro da Sicília (90 a.C. – 30 a.C.), conhecedor do povo fenício da Antiguidade, que afirmava serem os fenícios os primeiros povos do mundo conhecido da época, a descobrirem a América. (fonte: site casadeculturahuguenote).



Figura 8: Busto do fóssil Luzia
Fonte: Registro da autora



Figura 9: Peça que representa um navio fenício
 Escultura de Edimar Nardaci.
Fonte: Registro da autora

Na parte térrea também tem um grande painel com a gravura de Leonard Galtier (Ver Figura 10) que retrata a inauguração da cruz pelos padres capuchinos que marcou o início oficial do período de colonização francesa na presença dos Tupinambá na Ilha de São Luís.

Há ainda, um painel com a imagem com as divisões das 15 capitanias hereditárias portuguesas. As capitanias hereditárias eram delimitações territoriais realizadas pelos portugueses afins de colonizar as terras que lhe forma concedidas na América por meio do Tratado de Tordesilhas. E ao lado, no mesmo painel, tem os marcos cronológicos da história que antecede e sucede a colonização francesa (do período pré-histórico, 2000 anos a.C a 1753, período em que Francisco Xavier torna-se governador geral do estado do Grão Pará e Maranhão). (Ver Figura 11).

Ainda na sessão Tupinambá, a Casa expõe um exemplar representativo do manto de origem indígena feito de penas de guará e papagaio, que era utilizado em rituais chamada de Acoiave. (Ver Figura 13).

Outra obra em destaque é a obra Cunhamebebe, uma pintura óleo sobre tela de autoria de Glaúcia Rosane. (Figura 14). Cunhamebebe fora um guerreiro tupinambá muito temido por seu povo e seus inimigos. A história narra que ele habitava a região sudeste do Brasil quando houve a expedição França Antártica e que teria comido em ritual antropofágico cerca de 600 portugueses. Um detalhe desta obra é a representação dos símbolos característicos desse indígena, que, no lugar de ossos que eram comumente colocados no queixo e orelhas, Cunhamebebe usava pedras preciosas de opala. Outro elemento citado é o tom de pele do indígena mais claro que a maioria das etnias indígenas. (Site casadeculturahuguenote.com).



Figura 13: Acoiave. Manto Tupinambá
Fonte: Registro da autora



Figura 14: Cunhamebebe. Pintura óleo s/ tela
Fonte: Registro da autora

Por seguinte, estão a sessão com as gravuras que expressam a cultura Tupinambá. Eram cordiais hospitaleiros e acreditavam que a alma era imortal. Os indígenas eram essencialmente nômades, adaptaram-se aos costumes a partir do contato com os franceses, faziam uso de redes para dormir, andavam nus e tinha a

cultura de morar sempre próximos ao mar. A poligamia era aceita e o incesto abominável. Praticavam ritos como os de passagem (de criança à jovem guerreiro, por exemplo), e o rito canibal do tupinambá. A antropofagia presente na cultura baseada na crença de que a prática era fonte de coragem, bravura e sabedoria. E a usavam como meio de vingança e toda a aldeia era convidada a participar. As crianças festejavam e as mulheres eram responsáveis por acender a fogueira onde a carne humana seria assada. Conforme a ilustração da Figura 15 abaixo.

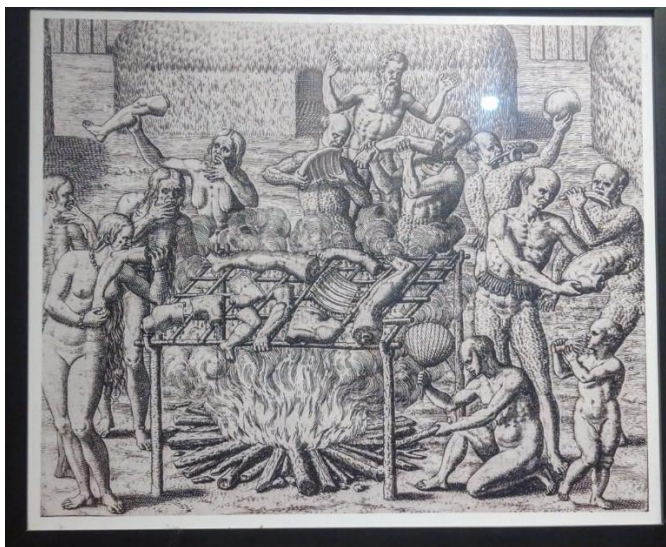


Figura 15: Antropofagia. A xilografia de Theodor De Bry.
Fonte: Registro da autora

A obra relatada normalmente a seguir pelos monitores é a obra “Ajurujuba”, uma pintura da curadora Gláucia Rosane (Figura 16), que retrata um índio tupinambá com um papagaio amarelo nos ombros, em referência ao termo que eram chamados os franceses pelos indígenas, pois eram loiros e falantes. O indígena observa a chegada de navios franceses no horizonte, representando a relação amigável entre o povo nativo e os franceses. Essa obra é simbolicamente muito importante para o museu e serviu de cartão postal da Casa e reproduções para a venda, em variados formatos.



Figura 16: Ajurujuba. Óleo sobre tela. Gláucia Rosane.
Fonte: Site institucional Casa de Cultura Huguenote.

No primeiro andar é climatizado, com iluminação central, com o chão de madeira, em bom estado de conservação, observando que a estrutura física deste andar é uma reconstrução da casa original. (Figura 17). O acervo deste piso é dedicado a narrar o processo de fundação da cidade de São Luís. Finalizando com o poeta maranhense Gonçalves Dias.

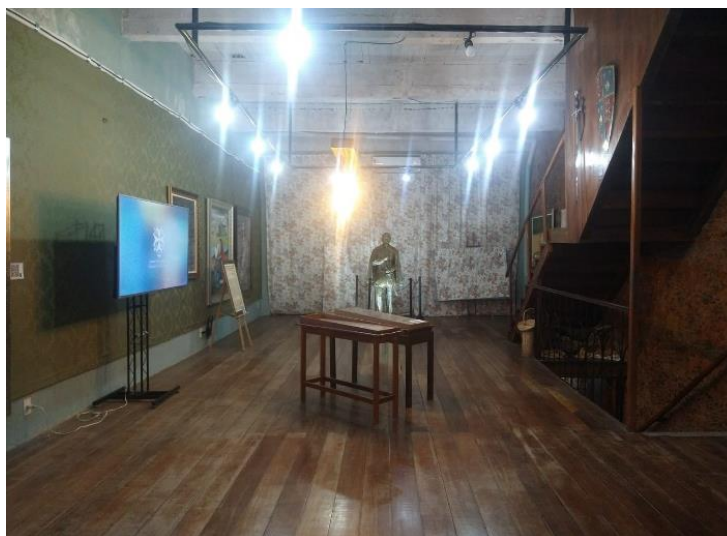


Figura 17: Primeiro andar da Casa de Cultura
Fonte: Registro da autora

Logo que o visitante chega ao piso superior lhe é apresentado um quadro sobre o episódio que ficou conhecido como o Massacre da noite de São Bartolomeu. Fato histórico da noite sangrenta de perseguição religiosa a milhares de huguenotes mortos em 18 de agosto de 1572. Em resultado disso foi organizada a primeira expedição ao Brasil, a fim de criar no território, um espaço de refúgio e livre culto: a França Antártica (na baía de Guanabara, Rio de Janeiro) e posteriormente a França Equinocial (na cidade de São Luís). Por conseguinte, é explanado sobre o Edito de Nantes (réplica no quadro menor da Figura 18), que consistia no documento que o rei Henrique IV concedia a liberdade religiosa aos huguenotes após 36 anos de perseguição, ainda que a religião oficial permanecesse a católica, os huguenotes calvinistas (seguidores de João Calvino) receberam o direito da tolerância religiosa.

Há ainda uma reprodução do retrato de João Calvino, pastor, escritor, professor, teólogo, um dos principais líderes da Reforma Protestante na Europa, também vítima de perseguição religiosa. Foi responsável por enviar 14 huguenotes ao Brasil com o objetivo de evangelizar os nativos e minimizar os conflitos internos,



Figura 18: Sessão de obras sobre a perseguição religiosa.
Fonte: Registro da autora

Destacamos ainda, a escultura em madeira denominada “A cruz huguenote” do artista Edimar Nargaci (Ver Figura 19), natural de Açailândia, cidade do Maranhão, com seus símbolos representativos a saber:

- Os oito pontos redondos da cruz representam as 8 bem-aventuranças faladas por Jesus descritas no livro do Evangelho de Mateus capítulo 5:3-10;
- A cruz de Malta são quatro triângulos simbolizando os quatro evangelhos, o que resume o ministério de Cristo, através do seu nascimento, morte e ressurreição.
- O espaço entre a cruz e a flor de lis tem o formato de um coração, que simboliza um coração aberto, com sinal de fidelidade, sugestão diretamente feita por João Calvino.
- A 3 flores de lis símbolo da França, com três pétalas totalizam 12 pétalas que estão simbolizando os doze apóstolos de Jesus.
- A pomba, símbolo do Espírito Santo. Símbolo de resistência das verdades das escrituras dos seus ancestrais.



Figura 19: A cruz Huguenote.
Fonte: Registro da autora

As obras a seguir são: o busto do rei Henrique IV (Ver Figura 20), rei da França, conhecido como “o bom rei Henrique”, que autorizou e incentivou a primeira expedição francesa ao Brasil, convertido ao protestantismo, Henrique IV, foi incomum na proteção aos direitos religiosos, na preocupação com seus súditos.

É possível ver, ainda no primeiro andar do museu, uma réplica de um canhão francês (Ver Figura 21) que foi doada pela Academia Ludovicense de Letras a Casa de Cultura, que representa os canhões que eram utilizados para defesa da cidade de São Luís, no forte de mesmo nome.



Figura 20: Busto do rei Henrique IV
Fonte: Registro da autora



Figura 21: Réplica de um canhão francês
Fonte: Registro da autora



Figura 22: A coroação da Rainha Maria de Médicis.
Fonte: Registro da autora

Ao lado do canhão está a reprodução da obra de Peter Paul Rubens, a “Coroação da Rainha Médicis” (Ver Figura 22). Maria de Médicis assume o trono francês (1610) como rainha Mãe regente, tendo em vista que o sucessor do trono,

Luís XIII ainda não poderia assumir o trono após a morte de Henrique IV por sua menoridade.

Na sessão seguinte temos as reproduções das cartas do Rei Henrique IV a Daniel de La Touche concedendo a permissão para a expedição ao Brasil (Ver Figura 23) o que expressa claramente que Daniel não se tratava de um pirata em busca de riquezas, mas havia um propósito em sua expedição. A Casa traz ainda, a carta que a rainha Médicis escreve em 1611 (Ver Figura 24), endereçada a Daniel de La Touche para que voltassem da expedição todos os protestantes que estavam em terras brasileiras, tendo em vista que percebeu os interesses dos huguenotes em propagar a nova fé cristã entre os nativos do Novo Mundo.

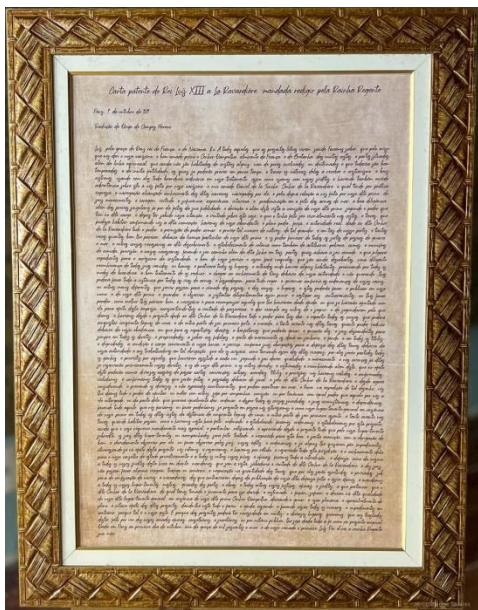


Figura 23: Réplica da Carta de Henrique IV a Daniel de La Touche
Fonte: site institucional da Casa

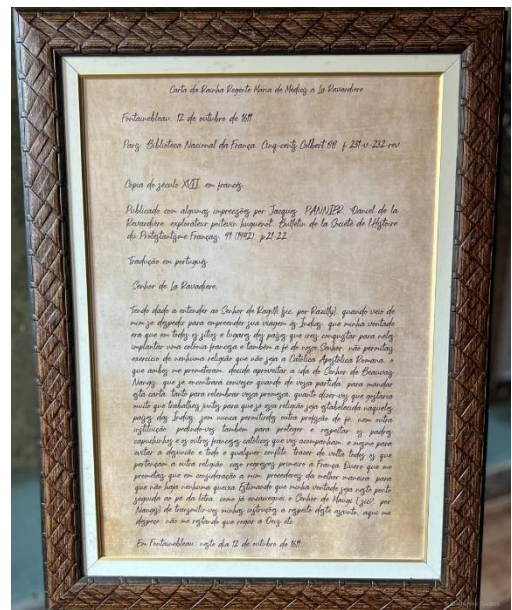


Figura 24: Réplica da carta de Médicis endereçada a Daniel de La Touche.
Fonte: site institucional

Outras peças do acervo em destaque são as réplicas das Leis Fundamentais em francês e traduzida em português. (Ver Figura 25). As Leis Fundamentais são consideradas como a primeira Constituição das Américas, estabelecida em 1 de novembro de 1612. Nela consta os princípios bíblicos cristãos fundamentais como o de honrar a Deus e ao próximo, as normas de conduta tanto para o colonizador quanto para o nativo.

As Leis Fundamentais do Maranhão (16012) com o propósito de constituir um Estado soberano no território maranhense, legitimado pela vontade convergente de colonizadores e colonizados, assim como pelo poder temporal e pelo poder divino, estabelecia e garantia direitos gerais, determinava a organização política do Estado assim como limitava o poder. Algumas regras nelas contidas não poderiam ser violadas nem mesmo pelo monarca francês. Nestes termos, é lícito afirmar que o documento possui valor constitucional material e densidade normativo-jurídica superior, e levando-se em conta os fatores da cronologia e da territorialidade, as Leis Fundamentais do Maranhão são a primeira manifestação pré-constitucional na América. (SANTOS, 2016, artigo online.)

Estas réplicas foram feitas em papel permanganato com uma técnica de envelhecimento, e escrito a mão com caneta pena e nanquim.



Figura 25: Réplicas das Leis Fundamentais em francês e em português.
Fonte: Site institucional Casa de Cultura Huguenote.

A peça seguinte que destacamos é a pintura óleo sobre tela “Daniel de La Touche”, realizada por Gláucia Rosane. (Figura 26). O quadro traz o senhor de La Ravardière ajoelhado diante de uma cruz provavelmente, marco da fundação da cidade de, acima de sua cabeça uma frase escrita em latim. A frase é um texto bíblico que se encontra no livro de Isaías 49:22 que está escrito: “Assim diz o SENHOR Deus: Eis que levantarei a mão para as nações e ante os povos arvorarei

a minha bandeira; eles trarão os teus filhos nos braços, e as tuas filhas serão levadas sobre os ombros.” Como um memorial do dia da fundação da cidade de São Luís e especialmente como um lugar de refúgio para os que sofriam perseguição religiosa e cerceamento da liberdade de culto.

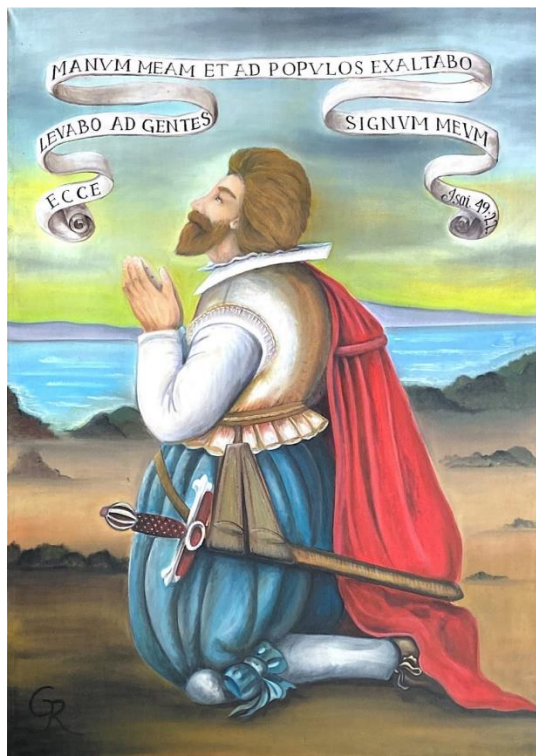


Figura 26: Daniel de La Touche. Oléo sobre tela. Gláucia Rosane.

Fonte: Site institucional Casa de Cultura Huguenote.

O acervo também é composto por uma estátua do pastor, militar, huguenote Daniel de La Touche. (Figura 27). Esta é a primeira estátua de corpo inteiro em tamanho real, feita de fibra de vidro e cobre, pelo artista maranhense Eduardo Sereno. A peça compõe o acervo desde setembro de 2020.



Figura 27: Estátua de Daniel de La Touche. Fibra de vidro e cobre. Eduardo Sereno.
Fonte: Site institucional Casa de Cultura Huguenote.

Para finalizar o circuito de peças a Casa traz o busto do poeta maranhense Antônio Gonçalves Dias (Figura 28), escultura de Eduardo Sereno. Gonçalves Dias é o patrono da Casa de Cultura Daniel de La Touche, por sua história de vida entrelaçada aos sua genealogia tupinambá, filho de uma franco-tupi, exaltou em suas obras aspectos étnicos e patrióticos. Tornou-se o maior poeta indianistas do país e defendeu a fundação francesa da capital maranhense.

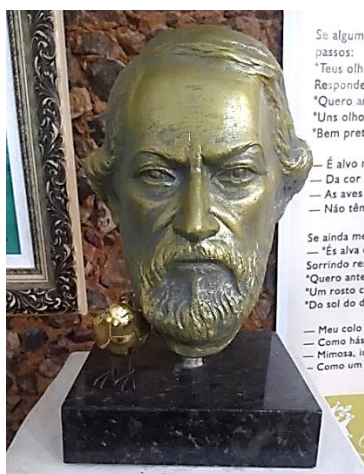


Figura 28: Busto de Gonçalves Dias.
 Eduardo Sereno.
Fonte: Registro da autora.



Figura 29: Marabá. Pintura óleo sobre
 tela. Gláucia Rosane.
Fonte: Registro da autora.

E um quadro óleo sobre tela de Gláucia Rosane intitulado “Marabá” (Figura 29). Marabá era um termo pejorativo para a mistura étnica de indígena com francês.

Após a derrota da Batalha de Guaxenduba, os franceses sobreviventes haviam sido obrigados a se retirar de São Luís e seus herdeiros marabás foram vitimados pela intolerância do lado português, por serem os filhos dos perdedores. Essa é a primeira população genuinamente ludovicense e a primeira população marginalizada do Brasil que se tem conhecimento. (Site institucional Casa de Cultura Huguenote).

O poeta Gonçalves Dias escreveu um poema intitulado Marabá, descrevendo o sentimento de desprezo sentido por aqueles que tinham essa mistura étnica. E é com este poema (impresso em um banner) que a Casa encerra a visita guiada. Abaixo o poema que descreve a imagem de uma índia com suas características físicas se sentindo desprezada por ser marabá. (Ver Figura 30),

MARABÁ (GONÇALVES DIAS)

Eu vivo sozinha, ninguém me procura!
 Acaso feita
 Não sou de Tupá!
 Se algum dentre os homens de mim não se esconde:
 — “Tu és”, me responde,
 “Tu és Marabá!”

— Meus olhos são garços, são cor das safiras,
 — Têm luz das estrelas, têm meigo brilhar;
 — Imitam as nuvens de um céu anilado,
 — As cores imitam das vagas do mar!

Se algum dos guerreiros não foge a meus passos:
 “Teus olhos são garços”,
 Responde anojado, “mas és Marabá:
 “Quero antes uns olhos bem pretos, luzentes,
 “Uns olhos fulgentes,
 “Bem pretos, retintos, não cor d’anajá!”

— É alvo meu rosto da alvura dos lírios,
 — Da cor das areias batidas do mar;
 — As aves mais brancas, as conchas mais puras
 — Não têm mais alvura, não têm mais brilhar.

Figura 30: Trecho do poema Marabá. Gonçalves Dias (1851)

Fonte: Autora

A poesia evoca o sentimento de reflexão proposto pela curadoria do museu, de reconhecimento e de sentido que o indivíduo tem diante das obras e informações recebidas, este assimila e ressignifica em sua vivência todo o contexto que lhe fora apresentado.

4.6 Fluxo De Visitantes

A Casa de Cultura é um museu relativamente novo, menos de dez anos. Ao longo dos anos a Casa de Cultura Daniel de La Touche recebeu visita de 21503 (vinte um mil e quinhentos e três) pessoas (até junho de 2023, período de levantamento dos dados na pesquisa de campo). Entre eles, brasileiros de todas as regiões e estrangeiros. A forma de registro de visitas da Casa é livro de visitas (Ver Anexo III), que pede somente as seguintes informações: nome, país, cidade e data. Não sendo possível fazer um perfil do visitante.

Sintetizamos os dados analisados a partir do livro de visitação divididos em dois períodos que totalizam um ano: 2º semestres de 2022 (Tabela 1) e 1º semestre de 2021 (Tabela 2).

FLUXO DE VISITANTES DA CASA DE CULTURA HUGUENOTE DANIEL DE LA TOUCHE								
2º SEMESTRE DE 2022								
PARÂMETRO	JUL 2022	AGO 2022	SET 2022	OUT 2022	NOV 2022	DEZ 2022	TOTAL SEMESTRAL	PORCENTAGEM
NORTE	34	7	9	3	4	14	71	8%
NORDESTE	81	103	89	33	71	33	410	47%
São Luís	53	49	63	20	42	20	247	29%
SUL	14	19	4	3	8	3	51	6%
SUDESTE	60	45	16	7	26	11	165	19%
CENTRO-OESTE	4	4	7	7	7	5	34	4%
NÃO IDENTIFICADO	19	19	7	2	4	43	94	11%
INTERNACIONAL	12	11	4	-	3	11	41	5%
Total Geral	224	208	136	55	123	120	866	100%

Tabela 2: Estatística de visitas no 2º semestre de 2022.

Fonte: Autora

Na Tabela 2 observamos o fluxo de visitantes dos meses de a dezembro de 2022, totalizando 866 visitantes. O total foi dividido em visitantes brasileiros de acordo com a região de origem (Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste), visitantes internacionais e os visitantes que não foram identificadas as origens por não preencherem o campo indicado no livro de visitas, ou por não estar legível.

Dentro do item Nordeste destacamos os visitantes locais do todo, portanto, os não turistas. Desse modo, dos 410 visitantes enquadrados no Nordeste no segundo trimestre de 2022, 247 são de moradores locais, ou seja 29% do total.

A região que mais visitou o museu foi o Nordeste, contabilizando 47% das visitas. A região de menor número de visitantes é a centro-oeste, totalizando 4%. No âmbito internacional, contabilizou-se 41 turistas neste semestre, com um percentual de 5% das visitas.

Pode-se observar que os meses de maior fluxo de visitante são os meses de julho, agosto e setembro e de menor fluxo nos meses de outubro e dezembro de 2022.

Quanto às visitas internacionais, o maior número tem origem na França, nos meses de julho e agosto, seguido da Alemanha no mês de dezembro e Estados Unidos no mês de agosto. Conforme o gráfico Fluxo de Visitantes Internacionais no 2º semestre de 2022, que lista os países identificados neste período e a quantidade (em unidades) de visitantes. (Ver Gráfico 1).

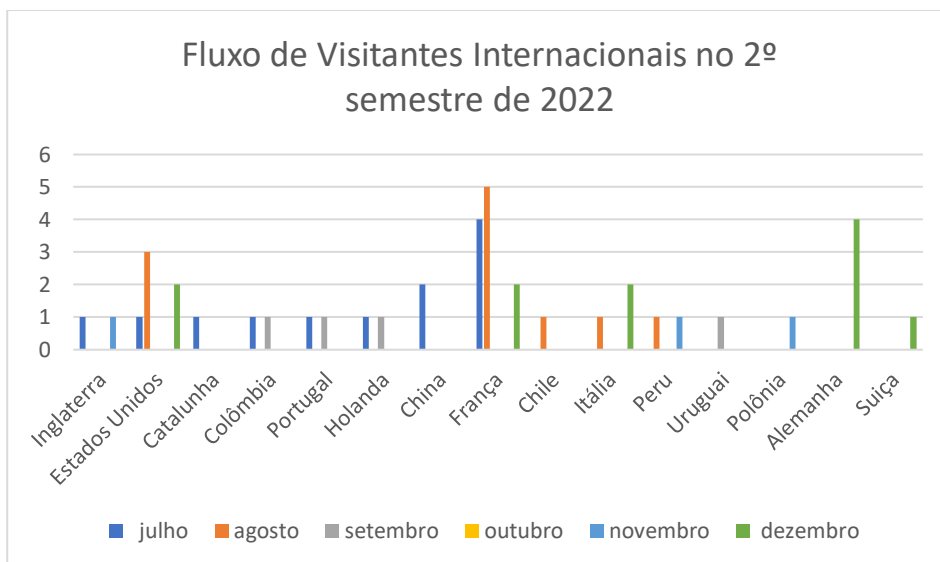


Gráfico 1: Fluxo de visitantes Internacionais no 2º semestre de 2022.

Fonte: Autora

A outra fonte de análise que dividimos para ficar mais didático, é a Tabela sobre o fluxo de visitantes no primeiro semestre de 2023 (Tabela 3).

FLUXO DE VISITANTES DA CASA DE CULTURA HUGUENOTE DANIEL DE LA TOUCHE								
1º SEMESTRE DE 2023								
PARÂMETRO	JAN 2023	FEV 2023	MAR 2023	ABR 2023	MAI 2023	JUN 2023	TOTAL	%
NORTE	41	17	6	4	6	5	79	17%
NORDESTE	74	43	19	28	21	27	212	45%
São Luís	41	28	8	12	20	10	119	26%
SUL	2	2	1	0	0	7	12	3%
SUDESTE	32	19	10	8	9	23	101	22%
CENTRO-OESTE	14	0	2	0	1	0	17	4%
NÃO IDENTIFICADO	7	2	2	2	1	12	26	6%
INTERNACIONAL	8	0	2	2	0	7	19	4%
Total Geral	178	83	42	44	38	81	466	100%

Tabela 3: Estatística de visitas no 1º semestre de 2023.

Fonte: Autora

No primeiro semestre de 2023 a Casa de Cultura Huguenote registrou 466 visitantes, bem abaixo do semestre anterior. Uma justificativa à baixa movimentação se deu pela instabilidade no quadro de voluntários, que na ausência deles por vezes a Casa esteve fechada em dias em que deveria estar em pleno funcionamento. O sábado por exemplo, passou a funcionar somente pela manhã, o que antes era aberto os dois turnos.

Observa-se que o maior fluxo de visitantes é de nordestinos que totalizaram 45% dos visitantes, sendo que destes 26 % são ludovicenses, ou seja, autóctones.

Os meses de maior movimentação são os meses de janeiro, fevereiro e junho. E de menor fluxo são os meses maio, abril e março respectivamente.

A região do Brasil que menos visitou o museu foi a região Sul, contabilizando apenas 12 visitantes no primeiro semestre de 2023, 3% do total.

No âmbito internacional, 4% são de visitantes estrangeiros, entre variados países sintetizados no Gráfico 2, podemos destacar a França nos meses julho e agosto em maior número, seguida da Alemanha no mês de dezembro e dos Estados Unidos no mês de agosto. O que se percebeu tanto no gráfico 1 quanto no Gráfico 2,

que o maior número de visitantes estrangeiros se dá em alta temporada, em períodos considerados de férias.



Gráfico 2: Fluxo de visitantes Internacionais no 1º trimestre de 2023.
Fonte: Autora

Para analisarmos de forma geral o ano pesquisado apresentamos o gráfico 3: “Origem dos visitantes em 1 ano”, que distribui todos os visitantes registrados a partir dos subgrupos: regiões do Brasil, internacional e não identificados.

Pode-se perceber que pouco mais da metade dos visitantes são da região Nordeste (51%), e que a minoria é oriunda da região centro-oeste (4%). Vale ressaltar a importância de observar se o visitante preencheu todos os campos do livro visitação, pois 4% dos registrados não pudemos identificar a origem.

Em um ano foi registrado 1228 pessoas que visitaram a Casa de Cultura Huguenote Daniel de La Touche.

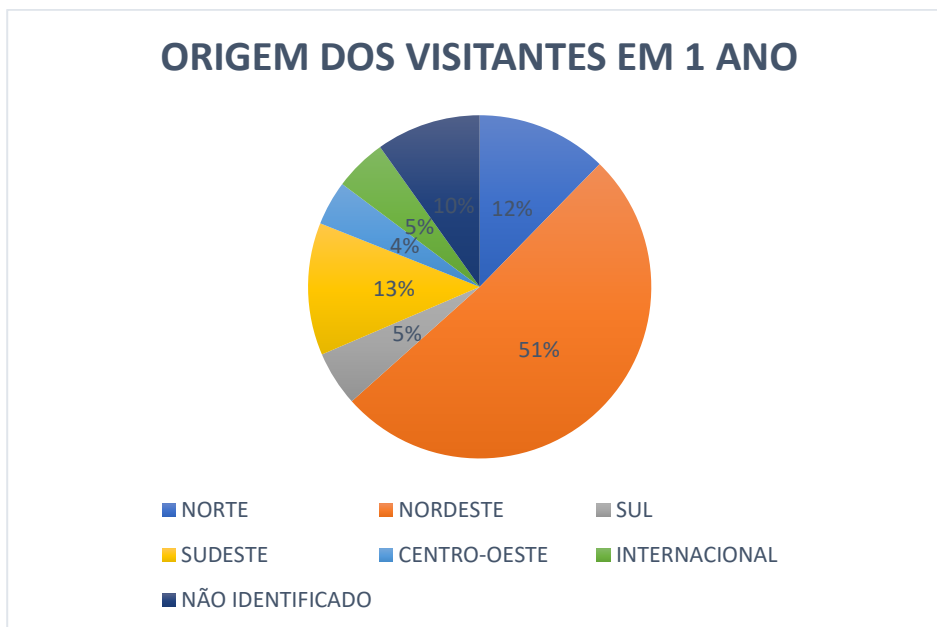


Gráfico 3: Origem dos visitantes em 1 ano.
Fonte: Autora

Durante o ano pesquisado houve uma oscilação significativa no número de visitas, especialmente entre o mês de agosto e outubro de 2022, como mostra o gráfico 4.

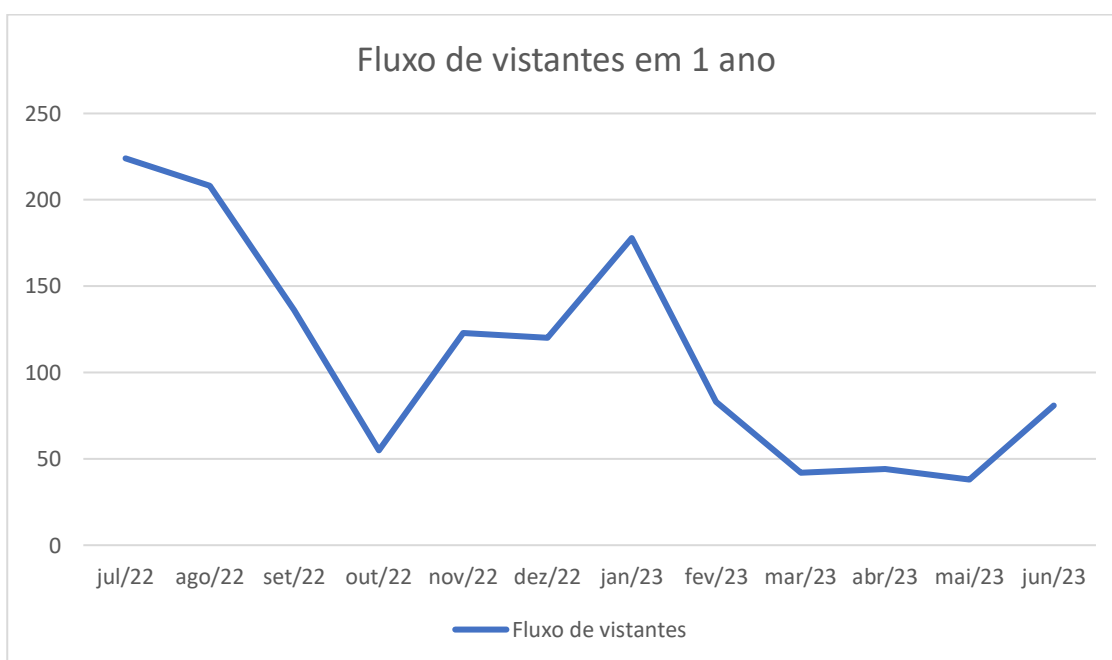


Gráfico 4: Fluxo de visitantes em 1 ano
Fonte: Autora

Realizamos ainda entrevistas com 37 visitantes no mês de julho de 2023, que apesar de compreendermos ser insuficiente para uma amostragem, compartilharemos aqui o resultado destas entrevistas a nível de informação e norte para pesquisas futuras. Destacamos algumas perguntas objetivas da Pesquisa aos Visitantes (APENDICE III) para passar por uma análise e alguns dos comentários deixados pelos visitantes entrevistados.

Quanto a faixa etária dos visitantes entrevistados (Gráfico 5), observou-se que a maioria, 43,2% dos entrevistados, têm entre 31 e 45 anos de idade, seguidos dos que têm entre 18 e 25 anos (29,7%) e os que têm entre 46 e 59 anos, que são 13,5 % dos entrevistados. Ou seja, predominantemente um público adulto e com a minoria de idosos.

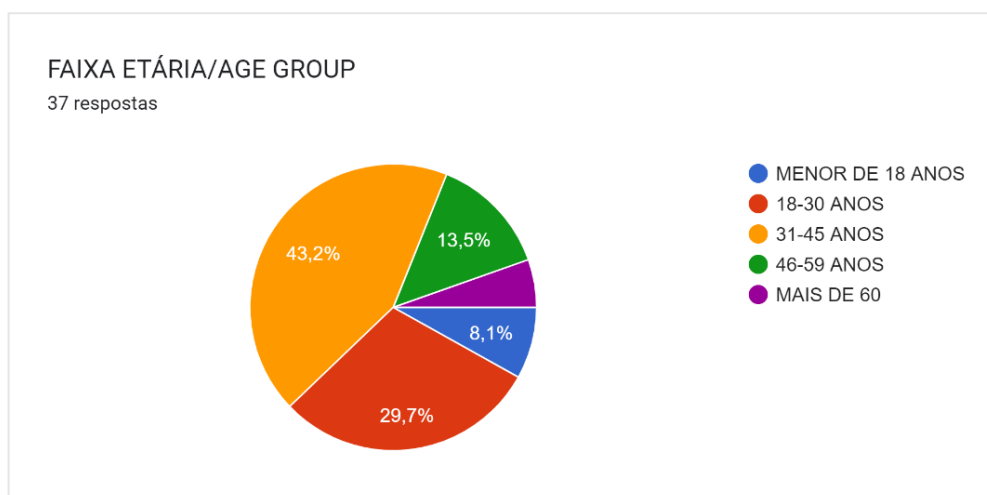


Gráfico 5: Resultado da entrevista com visitantes faixa etária
Fonte: Google Forms.

Quanto a escolaridade dos entrevistados (Gráfico 6), chegou-se ao número de 56,8% de pessoas com nível em pós-graduação, 16,2% com graduação superior e 13,5 com a graduação em andamento e 10,8% com o ensino médio completo.

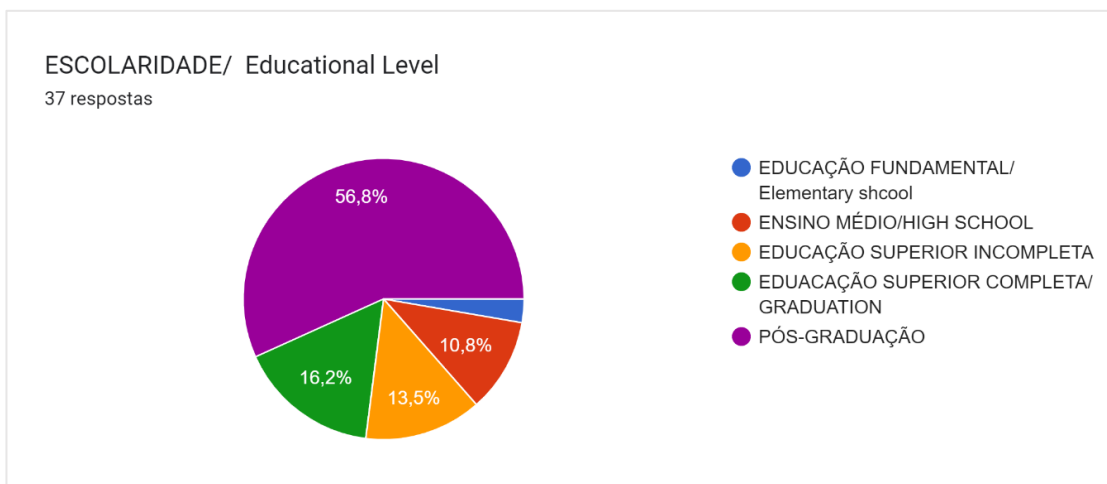


Gráfico 6: Resultado da entrevista com visitantes escolaridade
Fonte: Google Forms.

Com relação a origem dos visitantes, foi feita uma pergunta aberta e posteriormente transformada das respostas no gráfico abaixo (Ver Gráfico 7), chegando ao resultado de 43% são de visitantes do Nordeste, 14% do Sudeste e 11% oriundos de outros países.

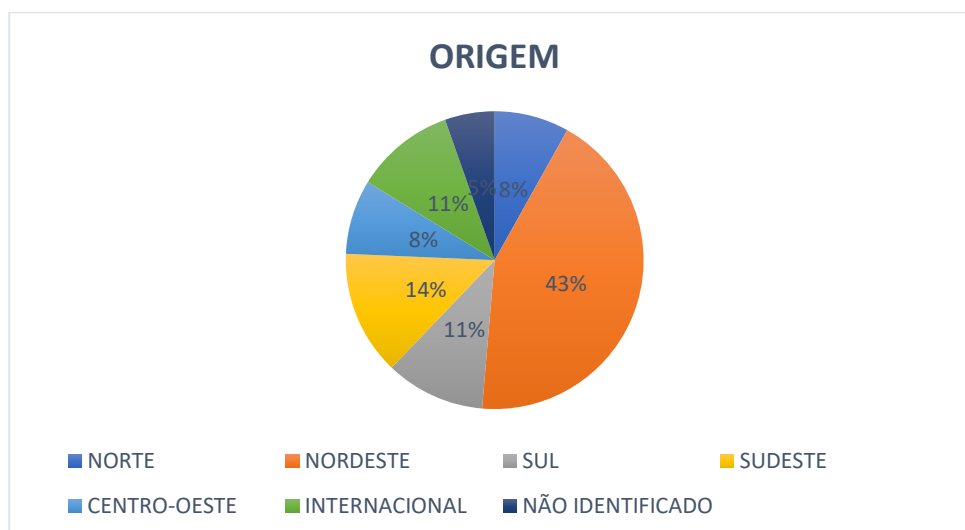


Gráfico 7: Resultado da entrevista com visitantes origem
Fonte: Autora

Foi-lhes perguntado sobre a forma como souberam da Casa de Cultura Daniel de La Touche (Gráfico 8: Resultado da Entrevista com Visitantes), com as opções: através de amigos, pelas redes sociais, por meio do guia ou agência de turismo ou por coincidência, passando na frente da Casa. Observou-se que 59,5% dos entrevistados entraram na Casa de Cultura por coincidência, 16,2% tiveram

conhecimento do museu através de amigos e nenhum por meio de agências ou guias de turismo e somente 13,5% soube através das redes sociais, revelando a hipótese da necessidade de maior divulgação da Casa.

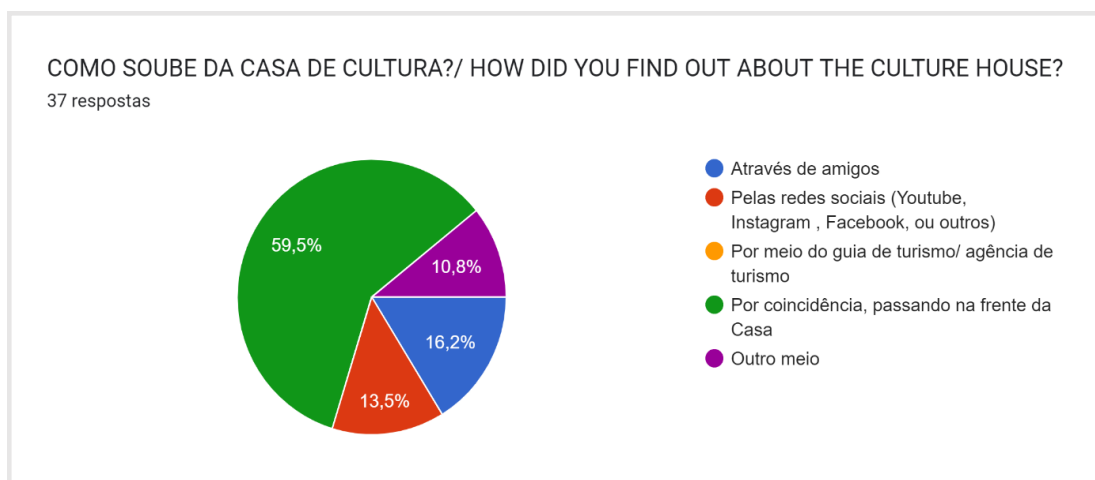


Gráfico 8: Resultado da entrevista com visitantes como souberam da Casa
Fonte: Google Forms.

Questionados sobre quem participou da visita com os entrevistados (Ver Gráfico 8), obtivemos a estimativa de que a maioria (44,4%) estiveram no museu acompanhados por familiares e 27,8% acompanhado apenas do cônjuge e 13,9% esteve com amigos e o mesmo percentual realizou a visita sozinho. Levantamos desta forma a hipótese de o museu ser propício ao ambiente familiar, acolhedor e de interesse de quase todas as faixas etárias.

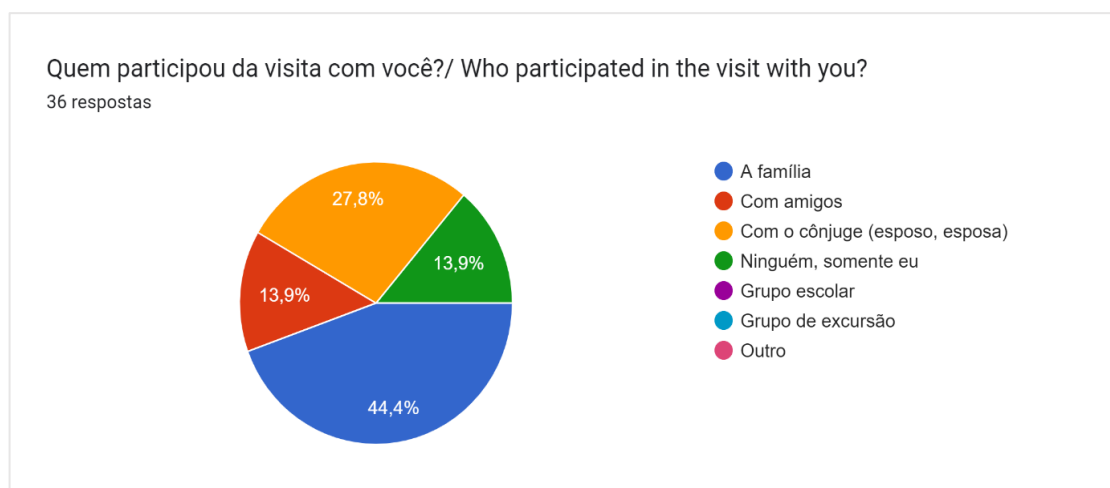


Gráfico 9: Resultado da Entrevista com Visitantes companhia na visita
Fonte: Google Forms.

Um outro questionamento levantado na pesquisa foi sobre o conhecimento prévio dos visitantes sobre o conteúdo apresentada, especialmente a fundação protestante da cidade de São Luís. (Gráfico 10). Percebeu-se que 40,5% dos entrevistados tinham conhecimento da história da fundação da cidade. E 59,5 desconheciam as informações compartilhadas no museu Casa de Cultura Huguenote Daniel de La Touche.

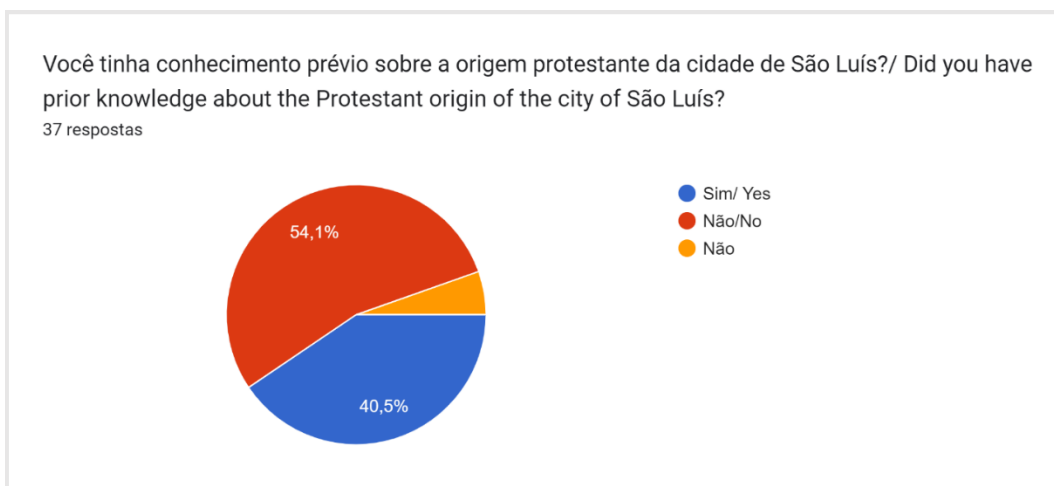


Gráfico 10: Resultado da entrevista com visitantes conhecimento prévio
Fonte: Google Forms.

A última pergunta foi para qualificar a experiência que tiveram no museu, o resultado foi ilustrado no Gráfico 11. Dos visitantes que responderam a entrevista, 84% avaliaram como ótima a experiência e 16% como boa. Nenhum dos entrevistados avaliou como ruim ou péssima.



Gráfico 11: Resultado da entrevista com visitantes como foi a experiência
Fonte: Google Forms.

Desse modo, a pesquisa conseguiu vislumbrar um aspecto positivo e promissor da Casa de Cultura. Alguns dos comentários deixados pelos visitantes que podem contribuir no melhor desenvolvimento das atividades, foram:

- “Seria útil ter uma informação prévia sobre a duração da visita guiada”;
- “A *aguiação* foi muito interessante. Acho que poderia melhorar ainda a cenografia da exposição, botado indicações além do QR code, pra entender origem dos documentos exposto. Também poderia ter um mapa da cidade à sua fundação.”

- “A abordagem um tanto romântica sobre a colonização, deixa passar os conflitos e violências inerentes desse processo. No mais, a Júlia foi 10.”

- “Uma ótima viagem pela história de São Luís”;

- “Muito bom! Continuem.”

- “A equipe de voluntárias é muito atenciosa.”

São opiniões a serem observadas, tanto para motivação a continuação do trabalho, quanto para melhorias no serviço oferecido.

5 A CASA DE CULTURA HUGUENOTE DANIEL DE LA TOUCHE COMO ESPAÇO DE FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE LOCAL

5.1 A Casa de Cultura Huguenote e Identidade Cultural Ludovicense

Diante de tudo que fora apresentado até o momento neste trabalho, podemos compreender que a Casa de Cultura Daniel de La Touche, tem um peso significativo no resgate da história local, para o fomento de uma identidade cultural ludovicense baseando-se em sua fundação huguenote francesa.

O espaço se constitui um lugar de memória. Para Gastal 2002, o lugar de memória é aquele que carrega em si a comunidade que o representa e está imbuído de *valores cognitivos*, que são os saberes do povo local, com registros formais ou não; além de *valores formais*, que são estruturas físicas que agregam valor estético, belos ou não, desde que significativos para a comunidade; dos *valores afetivos*, são aqueles que ajudam a constituir um ‘sentimento de pertencimento’ e estão relacionados ao prazer em fazer, estar, ser ou conviver e dos *valores pragmáticos ou valor de uso*, são os espaços vivos da comunidade, onde há participação e interação.

Identidade e memória são assim ingredientes fundamentais da interação social, presentes em quase todos os seus domínios - e, por isso, não poderiam em hipótese alguma estar ausentes dos museus que pretendam dar conta dos aspectos fundamentais de uma sociedade viva, no presente ou no passado. (Meneses, 2000, p.94)

Com base na teoria de Gastal 2002, podemos destacar como valores cognitivos da Casa de Cultura Huguenote todas as informações e conhecimentos contemplados a partir do acervo (cópias de documentos, pinturas, entre outros) e como este fora disposto. Em entrevista com a presidenta da Casa ela ressalta a importância no compartilhar desses valores.

Aquilo que mais me deixa grata pela Casa de Cultura, pela existência da Casa de Cultura é perceber como uma pessoa cresce da primeira até a última tela, como elas desenvolvem intelectualmente o conhecimento histórico e como a Casa pôde ajudar essas pessoas ter o seu conhecimento acrescentado, então eu percebo a Casa tem esse papel transformador tem esse papel de veículo de transformação intelectual em poucos minutos a gente percebe as reações das pessoas diante da possibilidade de não pensar dentro da caixa e elas foram ali é como se tivessem sendo arrancadas direto de uma caixa e trazidas à liberdade. É o que eu percebo que as pessoas ficam quando terminam o conteúdo, então, para mim é

gratificante perceber que nós estamos ajudando as pessoas a criticarem uma história que foi baseada no vencedor somente e nós estamos oferecendo para as pessoas uma história que foi baseada em todos os protagonistas, os fracos e os fortes.

(Entrevista concedida pela presidenta da Casa Gláucia Rosane, julho 2023).

Quanto aos valores formais podemos destacar o espaço físico do museu, é um prédio histórico, tombado pelo IPHAN que, por si só gera um ambiente favorável ao mergulhar na História da cidade, rico em beleza e detalhes arquitetônicos coloniais restaurados aos moldes do século XVIII. Significativo para a cidade, ponto de parada de muitos turistas, pois como fora dito anteriormente, acredita-se que o prédio pertencia a personalidade popular conhecida como Catarina Mina. O que já agrega também valores afetivos e de pertencimento tanto o espaço físico quanto a compreensão de que a história contada ali é próxima do autóctone, é sua por direito legítimo. A forma como é apresentado por exemplo Gonçalves Dias reforça a ideia de valorização da identidade cultural, pois este ilustre poeta, jornalista, advogado, teatrólogo, maranhense em suas obras deixava claro o orgulho por sua terra natal, por sua cultura e por sua história.

A Casa contempla ainda os valores pragmáticos, trazendo por vezes a comunidade para dentro do museu e o museu para dentro da comunidade, promovendo a participação em diversas oportunidades. Segundo a presidenta, algumas partes do acervo foram expostos em igreja e escolas, democratizando os saberes. Ainda segundo Gláucia Rosane, o museu possui um setor educativo com pedagogos, que trabalham com museologia, que inclusive já organizaram e realizaram eventos para escolas, onde os monitores se fantasiavam de Daniel de La Touche e sua esposa Charlotte e iam fazendo a visitação com as crianças, que “teve um retorno muito bom, as crianças gostaram muito de ver o próprio Daniel de La Touche guiando dentro da Casa, foi muito assertivo.”

Também já foram gravados alguns documentários, lives com aulas que estão disponíveis nas redes sociais da Casa.

5.2 Atividades realizadas pela Casa

O museu por sua essência necessita ser dinâmico e atualizar-se ao longo do tempo, a serviço do público que o usufrui tanto como equipamento turístico, como formado de identidade local.

A Casa de Cultura Huguenote Daniel de La Touche realiza atividades voltadas para o público em geral, a comunidade e afins, através de musicais, palestras, eventos comemorativos, visitas guiadas, disponibilizando a biblioteca e um espaço de estudos para os associados. Exercendo assim, um papel fundamental de formação de identidade a partir do ensino e democratização do saber.

O calendário da Casa conta com eventos que fazem parte de projetos nacionais desenvolvidos pelo governo federal, como a Semana de Museus e a Primavera dos Museus e programações desenvolvidas pela Casa. Foi-nos disponibilizado o calendário do ano de 2021. (Anexo 4)

Conforme Silva (2011), nisso consiste a relevância social do espaço chamado museu.

Mediante o princípio da democratização da cultura e a vontade de conquistar e manter os públicos, a função de educar ganha uma importância crescente. O museu justifica a sua relevância social através da capacidade que tem para transformar os indivíduos, e essa intervenção só ocorre pela via da educação. (SILVA, 2011, p.20)

Uma das forças dos museus baseia-se nas atividades essencialmente educativas, como as visitas guiadas. (Ver Figura 31). Esta atividade é oferecida pela Casa de Cultura Huguenote Daniel de La Touche: um monitor da Casa que vai explicando peça por peça, tecendo um diálogo com o visitante. Dessa forma, o tempo de duração da visita varia de acordo com a disponibilidade do visitante e seu nível de interesse e questionamentos, tornando cada visita única.



Figura 31: A visitação guiada.

Fonte: Registro da autora

Segundo Meneses (2000) “para desempenhar consciente e eficazmente seu papel educacional, seria indispensável que o museu se reconhecesse como um lugar, por excelência, mais de perguntas, do que de respostas.” (p.95). O guiamento na Casa direciona e orienta os pensamentos e sociabiliza com uma rica troca de conhecimentos e experiências, fortalecendo relações entre o museu e o público.

Tendo em conta que os museus pretendem fortalecer a sua relação com as pessoas, a visita guiada é uma solução oportuna uma vez que implica a presença de um recurso humano que conseqüentemente, promove a sociabilidade. Esta característica é sublinhada por Jan Swagerman que reconhece no guia a capacidade para proporcionar melhores experiências que, por conseguinte, originam memórias mais duradouras e influenciam muito mais a educação das pessoas. SILVA, 2011, p.16).

Uma programação anual é a comemoração do aniversário da cidade de São Luís, que também é celebrado o ano de abertura da Casa Huguenote. Em 2022 foi realizado um musical em homenagem aos 410 anos de fundação da capital maranhense e 8 anos de museu. O evento foi gravado e transmitido ao público por meio do canal do Youtube do museu⁸, e por vezes é transmitido na televisão no espaço destinado a cafeteria do museu. O vídeo conta um pouco da história do

⁸ Canal do Youtube Casa de Cultura Huguenote Daniel de La Touche, Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=n3p1YrFI1CQ&t=3230s>

museu e narra em canções a história da grande Ilha de São Luís, bem como entrevistas com os agentes atuantes na Casa Huguenote.



Figura 32: Convite digital Especial 410 anos de São Luís (2022)
Fonte: Facebook institucional.



Figura 33: Musical Daniel de La Touche 2021.
Fonte: Instagram institucional

RESUMO DE ATIVIDADES REALIZADAS	
ATIVIDADE	OCORRÊNCIA
Visitas guiadas	Diariamente
Cafeteria	Diariamente
Loja	Diariamente
Pesquisa na biblioteca	Diariamente
Musicais	Periodicamente
Palestras	Periodicamente
Cursos	Eventualmente
Festas Bíblicas	Eventualmente
Primavera dos museus	Anualmente
Semana dos museus	Anualmente
Aniversário da cidade e da Casa	Anualmente

Tabela 4: Resumo de Atividades Realizadas.
Fonte: Autora

Apesar do último ano a Casa ter reduzido os eventos realizados por questões internas, assim declarados, pudemos constatar que houve diversas atividades nestes anos de funcionamento da Casa, que conforme pesquisa pudemos resumir na Tabela 5.

Todos os eventos realizados pela Casa de Cultura Huguenote são com temas relacionados, direta ou indiretamente com o protestantismo, base ideológica da Casa. Eventos sem sua maioria organizados pela própria instituição, outros em parcerias; uns eventos com a gratuidade, outros com taxa de inscrição o que contribui para a manutenção do museu.

5.3 Desafios e perspectivas para o aproveitamento integral do espaço museológico

Indubitavelmente, a Casa possui relevância para a comunidade autóctone e para a população turística desejosa em conhecer a história do local visitado. Poucos ou nenhum espaço museológico na cidade é destinado especialmente a temática proposta pela Casa de Cultura Daniel de La Touche: fundação da cidade. Para o turista é apresentada em momentos de roteiro turístico pelo centro histórico. Entendemos que muitas oportunidades são perdidas pelo poder público ao não investir nessa temática tão especial e singular para o Brasil, afinal, São Luís é a única capital brasileira fundada por franceses. Antônio Noberto salientou isso em seu livro França Equinocial (2012), que se de fato houvesse maior investimento não teríamos tantas contestações da fundação francesa da Ilha, e por consequência dúvida da identidade cultural local.

Entendemos que o maior combustível para qualquer tipo de contestação da fundação de São Luís não deixa de ser a inércia do poder público, que de posse de uma história única, valorosa e importante para maranhense, brasileiros e franceses, nunca se ocupou de resgatá-la e, com isto, deixa de gerar emprego e renda à comunidade local e regional. (Noberto, 2012, p. 117).

Em sua pesquisa Silva (2003), ressalta a importância da criação de um museu franco-maranhense, tendo em vista os resultados obtidos em sua pesquisa, muito diálogo há entre a cidade de São Luís e a França, muitos resquícios de sua influência cultura ressoa entre os ludovicenses ao longo dos anos, muitos franceses

se interessam em visitar a cidade fundada por seus antecessores, mas segundo o autor é necessário preparar para receber essa demanda.

Em nossa pesquisa pudemos perceber que entre os estrangeiros que visitaram a Casa de Cultura Huguenote, os franceses se destacam em número. A Casa de Cultura abraça essa necessidade de um espaço franco-maranhense, mas como todo espaço museológico há desafios e oportunidades que os circundam.

Desse modo faremos uma análise sobre desafios e perspectivas para o aproveitamento integral do espaço museológico a partir da utilização da ferramenta SWOT um acrônimo formado pelas palavras inglesas Strengths (forças), Weaknesses (fraquezas), Opportunities (oportunidades) e Threats (ameaças), em português traduzida para FOFA. Sendo que as forças e fraquezas são analisadas no ambiente interno da organização, por tanto controlável, as oportunidades e ameaças, no âmbito externo, não controladas pela instituição.

FORÇAS	FRAQUEZAS
<ul style="list-style-type: none"> - Relevância da temática da Casa para a comunidade local; - Relevância da temática da Casa para a demanda turística; - Oferta de atividades culturais para o público em geral; - Variedades de atividades culturais fortalecedoras da temática da Casa; - Ser o 1º Museu protestante do Brasil; - Localização; - Trabalho Voluntário - Espaço físico. - Liberdade de ideológica. - Premiação Pátria Voluntária - Bom atendimento e preparado dos voluntários - Biblioteca 	<ul style="list-style-type: none"> - Marketing e divulgação - Poucos recursos financeiros - Prédio alugado - Pequeno grupo de voluntários monitores; - Inconstância na abertura da Casa. - Monitores atendem na cafeteria e no guiamento; - Falta um profissional para garantir a segurança; - Não tem museólogo - Acervo com muitas reproduções - O acervo poderia ser maior - Ausência de acessibilidades em alguns espaços - Comunicação interna e externa precisando de melhoramento.
OPORTUNIDADES	AMEAÇAS
<ul style="list-style-type: none"> - Alta demanda turística - Parcerias com outras instituições de fomento à educação e/ou museológica; - Aumento do interesse no turismo 	<ul style="list-style-type: none"> - Mudança de local - Assaltos, furtos - Perder força sem o custeamento financeiro que outras instituições

<p>cultural</p> <ul style="list-style-type: none"> - Possibilidades de captação de recursos mediante a editais e programas governamentais. - Networking no Café com Trade, promovido pela Secretaria Municipal de Turismo. - A demanda turística de franceses na cidade 	<p>públicas têm.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Bares nas redondezas da Casa
--	---

Tabela 5: Análise SWOT

Fonte: Autora

Forças

A partir da análise SWOT, pudemos observar como forças da instituição a relevância da temática da Casa para a comunidade local, pois observou-se que há tanto o desejo quanto a necessidade de que a história protestante da fundação de São Luís seja socializada e difundida. Iniciando com os autóctones e ampliando aos turistas.

A oferta de atividades culturais para o público em geral é bem variado e tem durante o ano todo, atividades públicas e privadas. É ainda realizada uma variedade de atividades culturais fortalecedoras da temática da Casa, saraus com leitura de poesias, musicais com canções compostas por artistas locais, que narram a história de São Luís e do Brasil.

O fato de ser o primeiro museu protestante do Brasil, que resgata a história dos huguenotes e dos nativos nas terras maranhenses.

A localização onde hoje se encontra o museu é muito estratégica, pois se tornou um ponto turístico da cidade o Beco Catarina Mina e a casa que seria dela. Por vezes, enquanto realizávamos a pesquisa, grupos de turistas eram parados por seus guias de turismo para apresentar a casa, que gera curiosidade e muitos entravam no museu para conhecer.

Uma outra força vem do trabalho voluntário, pois os que ali trabalham, trabalham com a convicção do porquê estar ali. São envolvidos e engajados no objetivo primeiro da Casa, além de serem bem preparados quanto ao conteúdo apresentado.

A Casa tem um bom espaço físico, que cabe ampliação de acervo, com o primeiro andar climatizado. Por ser um museu de iniciativa privada, há uma

liberdade de ideológica, especialmente existe o pano de fundo religioso sobre a fundação de São Luís que parece-nos ser tratado com menor apressamento pelas autoridades locais.

A Casa teve seu reconhecimento no trabalho voluntário a partir do programa nacional Pátria Voluntária, destacando-se entre as instituições da região nordeste. Os voluntários são atenciosos e esforçam-se para atender a todos com qualidade.

Uma força também observada é o acervo bibliográfico da Casa que fomenta a narrativa do roteiro museológico e possibilita um aprofundamento para quem deseja fazê-lo.

Fraquezas

Uma das fraquezas observadas é com relação ao marketing e divulgação da Casa. As redes sociais especialmente neste período pós-pandemia são amplamente utilizadas pelas pessoas e a Casa ainda está deficitária neste aspecto. Precisando atualizar as informações de funcionamento, por exemplo. A Casa poderia fazer uso estratégico desses meios para aumentar o número de suas visitas.

Acreditamos que um fator que impossibilita muitas coisas de serem realizadas pela Casa seja poucos recursos financeiros para manter toda a estrutura que um museu necessita.

O prédio não é próprio, mas alugado o que causa uma despesa grande não orçamentada da Casa, bem como inviabiliza possíveis modificações em sua estrutura, as que são permitidas pelo IPHAN.

O grupo de voluntários é reduzido o que causa alguns transtornos, entre eles a inconstância na abertura da Casa. Por vezes nos deparamos com as portas do museu fechadas, que depois descobrimos que é por falta de monitores, pois precisa de no mínimo duas pessoas para que a Casa seja aberta.

Outra fraqueza observada é que os mesmos monitores que atendem na cafeteria fazem o guiamento, muitas vezes não há como atender um destes públicos, ou atendem na cafeteria ou na parte do guiamento da exposição. pelo fluxo de visitantes intenso, especialmente neste período de junho e julho, período de alta temporada.

Foi percebido ainda a falta de um profissional para garantir a segurança, muitas vezes somente duas monitoras estavam presentes pra atender toda a

demanda, do guiamento, cafeteria e bilheteria, pois a taxa de acesso é pago ao final do guiamento.

E ainda o museu não tem um museólogo, profissional responsável pela curadoria, exposições e conservação do acervo.

Uma outra fraqueza é o acervo que consta com muitas reproduções, poucas peças são originais. E a quantidade é insuficiente para o espaço e para abarcar todo o conteúdo proposto. São ao todo 16 peças expostas no térreo, de propriedade da sala Tupinambá, sendo uma destas emprestada. No piso superior, a sala Daniel de La Touche, tem 19 peças próprias, uma em processo de doação e uma de empréstimo. Atualmente, totalizando 35 peças próprias do museu.

Ausência de acessibilidades em alguns espaços também foi observado. O piso inferior tem rampa de acesso, porém o superior não. Não fazem identificação por braile. E por último outro ponto observado é a comunicação interna e externa precisando de melhoramento.

Ameaças

As ameaças são aspectos externos que podem interferir na dinâmica do museu. Uma das ameaças percebidas é a possível mudança de local, tendo em vista que o prédio é alugado, por algum motivo o proprietário pode requerer a propriedade.

A falta de uma segurança privada não inibe a possibilidade de assaltos ou furtos. Dentro do universo de museus a ameaça está em perder espaço, sendo pouco atrativo sem o custeamento financeiro que outras instituições como as públicas têm.

Por fim, a existência de bares muito próximo do museu, nas redondezas, pode afastar os visitantes, especialmente os que estão acompanhados de crianças.

Oportunidades

Dentre as oportunidades está o aumento de demanda turística constante que a cidade tem recebido⁹.

Parcerias com outras instituições de fomento à educação e/ou museológica como a Universidade Federal do Maranhão, a Secretaria de Educação e a Secretaria de Turismo, por exemplo.

⁹ Segundo pesquisas do Observatório, disponível em: <https://turismo.ma.gov.br/noticias/maranhao-registrou-o-maior-numero-de-desembarques-durante-o-mes-de-junho-desde-2013>

Uma oportunidade de visibilidade para o museu é o visível aumento da demanda turística especialmente em alta temporada, onde a procura pela cultura popular maranhense aumenta.¹⁰

Possibilidades de captação de recursos mediante a editais e programas governamentais. E networking no Café com Trade, promovido pela Secretaria Municipal de Turismo certamente abre portas para conexões e parcerias.

Segundo a pesquisa realizada por Silva (2003) com franceses, 50% dos seus pesquisados acha a cidade de São Luís precisaria de um museu franco maranhense para melhor incrementar a oferta turística da cidade.

¹⁰“Nos últimos anos, o Maranhão tem crescido como destino turístico no Brasil, sobretudo durante o São João. Esse crescimento pode ser constatado no Centro Histórico de São Luís, um dos principais atrativos turísticos do estado, onde sempre é possível ver os visitantes encantados e registrando com celular e câmeras fotográficas as belezas arquitetônicas da capital maranhense.”
<https://www.ma.gov.br/noticias/no-dia-do-turista-visitantes-destacam-as-belezas-e-diversidade-cultural-do-maranhao>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo é um fenômeno complexo em si mesmo e apoiado em outras ciências para subsistir. Está intrinsecamente relacionado à educação, pois o contato com uma outra cultura possibilita a troca de conhecimento, efetivando uma educação não-formal. A atividade turística causa impactos socioculturais que norteiam e formatam a identidade de um lugar. Quando o autóctone vê o outro percebe-se enquanto indivíduo, compara-se e tende a fortalecer sua própria identidade, reconhecendo, a partir das trocas de experiências o que lhe é próprio e o que não é.

Diante de um contexto globalizado, é cada vez mais significativo o caráter identitário de uma comunidade, ou sociedade. O espaço do museu serve como um lugar de reflexão e fortalecimento desta identidade, a partir também de seu viés educacional e lugar de salvaguardar memórias. Um espaço de resgate de valores e ambiente favorável ao ensino. Entendemos a Casa de Cultura Daniel de La Touche como esse espaço, dinâmico e voraz no anseio de resgatar a história local, portanto suas memórias e sua identidade.

A cidade de São Luís comprovadamente fundada por franceses, europeus que lançaram mão da diplomacia para ter como aliados os nativos tupinambá, nasceu do desejo de conquista de território e para ser refúgio dos huguenotes perseguidos. Apesar da consolidação da França Equinocial no Maranhão não ter tido sucesso, um legado histórico foi construído e registrado por Claude D' Abelle, Jean Lèrry, que deixaram copilados relatos sobre a experiência em terras maranhenses.

A Casa de Cultura Huguenote é um espaço para difundir a história local, as origens francesa e tupinambá da grande Ilha de Upaon Açú. Com um acervo em construção, que apesar disto, tem uma linha de narrativa museológica muito consistente e linear. Uma infraestrutura mantida por serviço e ofertas voluntárias, a casa recebeu mais de 20 mil pessoas registradas ao longo destes 8 anos de funcionamento. Sobrepondo e vencendo a todos os desafios encontrados desde sua fundação, especialmente sendo uma entidade privada e voluntária, tem permanecido imbuída na missão que lhe fora confiada de resgatar, democratizar, difundir e a história local que se iniciou para além dos mares.

Entende-se que este trabalho de pesquisa alcançou os objetivos inicialmente propostos, apesar das limitações e dificuldades encontradas para a sua realização, onde destaca-se: por vezes a Casa encontrava-se fechada nos horários que deveria estar aberta, tivemos que entrar em contato e sempre confirmar quando estaria em funcionamento, não tivemos contato direto com os responsáveis pela Casa, somente via aplicativo de celular, justificados pois não tinham agenda disponível nos direcionaram a diretora da Casa que sempre nos atendeu prontamente e possibilitou a coleta da maioria das informações aqui descritas. O fluxo intenso de visitantes nos meses da pesquisa, atrelado ao número reduzido de monitores, também diminuiu o diálogo com os monitores. Percebemos que o tempo que dispúnhamos para a pesquisa de campo foi curto para tudo que pretenderíamos.

No decorrer da pesquisa identificamos que o espaço museológico objeto da investigação possui um acervo 99 % próprio, são ao todo 35 peças pertencentes ao museu, o que consideramos mínima. A infraestrutura é adequada, a distribuição do espaço também. Percebeu-se que a administração tem ainda grandes desafios para a manutenção da Casa, tanto de recursos materiais quanto de recursos humanos. Portanto, é uma equipe reduzida que mantém o museu aberto e ativo. Fortalecidos por voluntariado e doações.

A localização da Casa é muito boa, pois é a rua é um ponto turístico da cidade, portanto bastante movimentada. O que possibilita a visibilidade para muitas pessoas, que na curiosidade acabam adentrando no espaço e conhecendo o museu. Além do fato do prédio ser popularmente conhecido como a casa de Catarina Mina.

Identificou-se que os visitantes na sua maioria são provenientes da região Nordeste, com idade entre 31 e 45 anos de idade, com escolaridade em nível de pós-graduação. Quando indagados de que forma souberam da existência da Casa, 59,5% dos entrevistados entraram na Casa de Cultura por coincidência e somente 13,5% souberam através das redes sociais, entretanto, nenhum dos participantes da pesquisa relatou ter tido indicação por meio de agências ou guias de turismo. Vale ressaltar que no item sobre a qualificação do equipamento museológico, 84% dos entrevistados avaliaram como excelente a experiência.

Com a análise SWOT pudemos perceber oportunidades para o crescimento da Casa de Cultura, dos quais destacamos possibilidades de captação de outros recursos a partir de editais governamentais, o aumento do interesse no turismo

cultural, nicho em que a Casa se encontra, e a demanda de turistas franceses na cidade, pois naturalmente tem apressado pela temática ofertada no museu.

Observou-se que o museu cumpre o seu papel educacional, considerando que apresenta aos residentes e turistas oportunidades de conhecer melhor aspectos históricos e culturais da fundação francesa da cidade de São Luís e reconhecer a Casa de Cultura Huguenote Daniel de La Touche contribuindo para a identidade cultural ludovicense.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, Micheli e SERRES, Juliane C. **Casa-museu, casa histórica: um lugar de memórias**. Revista Vox: museu, arte e patrimônio. Ano 1, n. 1, jan.-jun. 2016, p.37-47.
- BATISTA, Cláudio Magalhães. **Memória e Identidade: Aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural**. Revista Caderno Virtual de Turismo. Rio de Janeiro, vol. 5, núm. 3, 2005, pp. 27-33.
- BOGÉA, Kátia Santos. **Centro histórico de São Luís, patrimônio mundial**. – São Luís: Ed. Mincult Iphan, 2005.
- BOTELHO, JOAN. **Conhecendo e debatendo a história do Maranhão**. – São Luís: Fort Com. Gráfica e Editoras, 2008.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. – 49. ed. – São Paulo: Brasiliense, 2007.
- BRASIL. DECRETO-LEI Nº 25, DE 30 DE NOVEMBRO DE 1937. **Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional**. Diário Oficial da União - Seção 1 - 6/12/1937, Página 24056 (Publicação Original). Coleção de Leis do Brasil - 1937, Página 331 Vol. 3 (Publicação Original). Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_no_25_de_30_de_novembro_de_1937.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2023.
- BRASIL. LDB: **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.
- BRASIL/MTUR. **Marcos conceituais do turismo**. – Brasília: Ed. Ministério do Turismo, 2006.
- CHINOY, Ely. **Sociedade: uma introdução à sociologia**. – São Paulo: Editora Cultrix, 1966.
- CUNHA, Licínio. **A definição e o âmbito do turismo: um aprofundamento necessário**. Centro de Pesquisa e Estudos Sociais – Atas de Conferências Nacionais. Lisboa, p.1-23, Jan. 2010. 2010.. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10437/665>> Acesso em junho de 2023.
- DIAS, Reinaldo. **Sociologia do turismo**. – São Paulo: Atlas, 2003.
- FERREIRA, Aurélio B. **Novo dicionário século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. – 3. Ed. – Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1999.
- FONSECA, A. da S. **Educação e turismo: Reflexões para elaboração de uma Educação Turística**. Revista Brasileira De Pesquisa Em Turismo, v.1, nº1, 2007, p.5–33.

GASTAL, Susana. **Lugar de memória: por uma nova aprovação teórica ao patrimônio local**. In: BENI, Mário; CASTROGIOVANNI, Antonio. **Turismo, investigação e crítica**. – São Paulo: Ed. Contexto, 2002.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos**. Revista Eletrônica: Investigar em Educação. IIª Série, Número 1, p. 35-50, 2014). Disponível em: <https://ec.europa.eu/epale/sites/epale/files/gohn_2014.pdf> Acesso em Junho de 2023.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do turismo**. – 3. Ed. – São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.

IPHAN. **Cidades históricas; inventário e pesquisa: São Luís - Rio de Janeiro: IPHAN, 2006.**

LACROIX, Maria de Lourdes. **A criação de um mito**. In: Revista Outros Tempos, volume 02, p. 54-80.

LICKORISH, Leonard & JENKINS, Carson L. **Introdução ao turismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

MAGALHÃES, Batista Cláudio. **Memória e Identidade: Aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural**. Caderno Virtual de Turismo, Rio de Janeiro, v.5, n. 3, 2005, p. 27-33. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115416147004>>. Acesso em: 21 de Junho de 2023.

MARTINS, José Clerton de Oliverira (org). **Turismo, cultura, identidade**. – São Paulo: Rocca, 2003.

MENESES, Ulpiano T. **Educação e museus: sedução, riscos e ilusões**. Revista Ciências e Letras, n. 27, jan/jun 2000, p. 91-101. Disponível em: <https://biblio.fflch.usp.br/Meneses_UTB_1_1086192_EducacaoEMuseusSeducaoRiscoesEIlusoes.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2023.

NOBERTO, Antônio. (org.). **França Equinocial: uma história de 400 anos, em textos, imagens, transcrições e comentários**. – São Luís, 2012.

OBERMEIER, Franz. **Documentos Sobre a Colônia Francesa no Maranhão (1612-1615): As partes censuradas do livro de Yves d'Evreux Suite de l'histoire**. In: História do Maranhão Novos Estudos. – São Luís: Edufma, p. 33–50. Disponível em: <<https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:gbv:8-publ-4693>>. Acesso em: Julho de 2023.

OLIVEIRA, Genoveva. **O museu como um instrumento de reflexão social**. In: MIDAS [Online], 2013. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/>>. Acesso em: Julho de 2023.

_____. **Museus e Escolas: os serviços educativos dos museus de arte moderna e contemporânea, um novo modo de comunicação e formação.** Tese de Doutorado em História de Arte apresentada à Universidade de Évora, Portugal, 2011.

PÉREZ, Xerardo Pereiro. **Turismo cultural: uma visão antropológica.** El Sauzal, Espanha: Ed. Aca y Pasos, RTPC, 2009.

POULOT, Dominique. **Museu e museologia.** – São Paulo: Ed. Autêntica, 2013.

SILVA, Antonio José. **A influência francesa em São Luís e os benefícios à atividade turística.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Departamento de Turismo/ccso, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2003.

SILVA, Sandra Patrícia. **Visita guiada: uma estratégia da educação museal.** Projeto de Conclusão de Curso (Mestrado) – Departamento de História/fcsh, Universidade Nova de Lisboa, Portugal, 2003.

SÃO PAULO/SEMA. **Série Cadernos da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica.** – São Paulo: Ed. Cetesb, 1998.

STUDART, Denise C. **Educação em museus: produto ou processo?** In: BRUNO, Maria Cristina O. **O ICOM-Brasil e o pensamento museológico brasileiro.** – São Paulo: Ed. ICOM-Brasil, 2004.

VIEIRA, Guilherme Lopes. **O museu como lugar de memória: o conceito em uma perspectiva histórica.** Revista Mosaico: Patrimônio e Museu. São Paulo, v. 8, n. 12, 2017, p.141-162. Disponível em: <<https://doi.org/10.12660/rm.v8n12.2017.65900>>. Acesso em: 23 de Junho de 2023.

Meios eletrônicos:

Acervo Virtual da Casa de Cultura Huguenote

Disponível em: <https://casadeculturahuguenote.com/exposicao/>. Acesso em: Julho de 2023.

França Antártica

Disponível em: <<https://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/historia-do-brasil/america-portuguesa/8730-a-fran%C3%A7a-ant%C3%A1rtica>>. Acesso em: Julho de 2023.

Nova definição de museu

Disponível em:

<https://www.icom.org.br/?page_id=2776#:~:text=%E2%80%9CUm%20museu%20%C3%A9%20uma%20institui%C3%A7%C3%A3o,a%20diversidade%20e%20a%20sustentabilidade.>>. Acesso em: Agosto de 2023.

Entrevista:

ROSANE, Gláucia. Diretora da Casa de Cultura Hugenoite – Daniel de la Touche, São Luís, MA, julho de 2023.

ANEXOS

ANEXO 1 – Fotos de exemplares da Biblioteca da Casa de Cultura Huguenote

		
<p>1612: A França Equinocial: Encontro de dois mundos na Ilha do Maragnan (Frans Gistelinck)</p>	<p>1612: Os papagaios amarelos na Ilha do Maranhão e a fundação de São Luís (Ana Luiza Almeida Ferro)</p>	<p>O papagaios amarelos (Maurice Piazzola)</p>
		
<p>História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças (Padre Claudio d'Abbeville)</p>	<p>1615. Crônicas de São Luís: a expulsão francesa do Maranhão sob o olhar indígena (Joseh Carlos Araujo)</p>	<p>A Fundação Francesa de São Luís e seus mitos (Maria de Lourdes Luande Lacroix)</p>

Fonte: Fotografias de Sabrina Aguiar – diretora da Casa de Cultura Huguenote

ANEXO 2 – Plano museológico da Casa de Cultura Huguenote

Plano museológico da Casa de Cultura Huguenote Daniel de La Touche

Missão:

Promover a valorização do patrimônio histórico e cultural protestante do Brasil, em especial de São Luis, por se tratar de uma fundação da capital maranhense e ter sido protagonizada pelos huguenotes, assim como conduzir a sociedade maranhense e a todos os visitantes da Casa, ao conhecimento histórico de tanta dignidade que é a fundação francesa de São Luis, bem como a preservação e inclusão da memória protestante, antes tão discriminado pela intolerância religiosa, através de exposição e pesquisa de seu acervo e de um programa de ações educativas e artísticas.

1. Diagnóstico:

Estrutura Institucional:

Dentro da gama de museus e casas culturais do Centro histórico de São Luis, a CCHDLT é um museu privado, com um quadro administrativo totalmente voluntário, sem fins lucrativos, aliado às programações anuais do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), órgão vinculado ao Ministério do Turismo, gestor da Política Nacional de Museus.

A CCHDLT, possui regimento interno e estatuto próprio em funcionamento.

Quadro de voluntário:

Gláucia Rosane Tavares (técnica em museologia social, curadora e pesquisadora da Casa)

Paulo Dias (publicitário da Casa)

João Guilherme (diretor executivo e de eventos)

Israel Dantas (maestro dos musicais históricos)

Sabrina Aguiar (Diretora e administradora da Casa)

Rodolfo Tavares (mediador)

Rebeca Pereira (mediadora)

Alisson Frasso (mediador)

Josélia (mediadora)

Júlia Beatriz (mediadora)

Joana Carreiro (mediadora e pedagoga)

Emilie Danaïla (mediadora)

Janaina Frasso (barista)

Ana Guimarães (barista)

Luíza Helena (barista)

Essa equipe de associados é voluntária, trabalhando um turno por dia. Os mediadores são os responsáveis por receber o público visitante, tanto escolar quanto turistas nacional e internacional, mas ainda não preenchidos todos os turnos da semana.

No setor de comunicação, os voluntários

doam seu trabalho dois dias ao mês para a instituição. E sempre que necessário, a Casa pode contar com a pedagoga Joana Carreiro para auxiliar em programações educativas.

As pesquisas históricas da Casa, são de responsabilidade de Gláucia Rosane Tavares, como graduanda em história, como toda

a equipe de mediadores quando necessário, dando suas contribuições, assim como o público que ao interagir com o acervo, sempre acrescentam o saber histórico. Paralelo a isso, está em desenvolvimento o livro-guia da Casa para alinhar o guiamento histórico.

Dinâmica de funcionamento:

A casa de Cultura denote Daniel de La Touche está aberta à visitação de segunda a sexta, todas as tardes, das 14h00 às 18h00 e aos sábados das 9h00 às 12h e das 14h às 18h00, Durante todo o ano.

A entrada custa 5 reais por pessoa, ou três reais por pessoa em caso de grupos

Mais de 21.000 visitantes foram recebidos durante o seus quase 10 anos de existência.

Sem contar com as visitas de escolas e outras instituições.

Durante um ano são realizadas várias atividades para os turistas em geral, assim como para comunidade escolar. As visitas são mediadas e oferecidas por todos os visitantes da casa, e quando é com grupos, é necessário agendamento.

Comunicação:

A casa tem realizado divulgação de suas atividades por meio das redes sociais, e o seu canal no YouTube. Esses canais tem sido uma ferramenta importante para comunicação da casa de Cultura com a comunidade, não só local mais em todo mundo, pois a casa tem um site bilíngue. Essas ações são algumas das realizações que a casa executa. Também temos distribuição de folder, o uso de camisetas com logo da casa que os mediadores usam E os próprios canhotos dos ingressos, também são mecanismos que ajudam a divulgar e fixar a marca da casa de cultura.

Estrutura Física:

A casa de Cultura está situada na cidade de São Luís capital do Maranhão no centro histórico na rua Djalma Dutra número 128, conhecido como beco Catarina mina. Sendo assim, a casa está próxima aos turistas que visitam o centro histórico.

Possui acesso relativamente fácil com uma boa localização, por ser o beco um dos principais do centro histórico. O prédio do Museu é um prédio de três pisos, sendo que o primeiro é a exposição Tupinambá, o segundo piso e a exposição Daniel de La Touche e o terceiro piso é uma torre de oração.

Na casa também funciona uma cafeteria, uma biblioteca e uma sala de aula para curso de diversos em especial, cursos de línguas estrangeiras. O prédio é tombado como patrimônio histórico da humanidade assim como todo centro histórico da cidade de São Luís. O prédio também tem um poço que ainda fornece água que pode ser utilizada para limpeza do local, porém, não se usa.

Acessibilidade e segurança:

No que se refere a acessibilidade, assim como centro Histórico de São Luís, a casa não possui tanto preparo. Mas no primeiro piso a casa pode receber visitantes com deficiência.

Acervo:

O acervo da casa de Cultura Huguenote Daniel de La Touche, Quando na sua inauguração teve uma exposição com peças de empréstimo, denominada França Equinocial para sempre, Do professor Antônio Noberto, e depois, aos poucos foi adquirindo o seu próprio acervo com doações feitas por artistas plásticos entre outros. Por se tratar de uma casa que fala dos primeiros habitantes registrados na ilha de São Luís, A casa se tornou um diferencial em comum no que diz respeito a memória do nativo brasileiro e toda sua historicidade. O acervo que conta história do povo

A exposição Tupinambá é feito por uma réplica do manto Tupinambá e algumas telas dentre elas uma réplica de uma figura rupestre do povo Tupinambá do Maranhão.

Apesar de estático, o acervo sempre está em crescimento contínuo onde o público que já visitou museu sempre é surpreendido por novidades. A casa ainda em construção museológica, tem registrado conforme adquiri o seu acervo em seu livro tombo. Como já mencionado atualmente a casa de cultura, tem uma exposição no primeiro piso denominada cultura Tupinambá, no segundo piso, a exposição Daniel de La Touche.

Durante um período de aproximadamente cinco anos desde a fundação da casa o acervo emprestado do professor Noberto foi o suprimento para casa de cultura Enquanto organizava o seu

próprio acervo. Porém, ao desenvolvermos o nosso próprio acervo, foi retirado do salão da exposição Daniel de La Touche o acervo emprestado.

Quanto ao espaço expositivo algumas peças do acervo foram distribuídas conforme a história é contada nos livros onde é a casa de cultura tem por base seus principais autores dentre eles, Cláudio Abeville, Ivy d'Veux, Jean de Lery, maurice Pianzola.

Programas e projetos:

A casa de cultura, para promover sua missão institucional, divulgar amplamente suas atividades pretende, ainda esse ano, Comemorar e organizar o aniversário da casa de cultura, como também o aniversário da cidade de São Luís, na data de fundação histórica dos Huguenotes, E será em 8 de setembro desse ano, 2023. Para isso contaremos com parceiros externos através das seguintes ações:

1. Amigo do museu: são associados que dão um suporte financeiro à casa de Cultura nessas programações, onde já existem como um pequeno grupo de parceiros que a casa pode contar de pessoas comuns. Também contamos com convidados especiais para a realização desse projeto cultural que anualmente são convidados para a produção do cenário do show e de toda a programação. A pretensão maior envolver a comunidade em geral para conhecer a casa de cultura e toda sua história cidade para ampliar o conhecimento da própria comunidade local.

Gestão de pessoas: para que todos os programas e projetos sejam estabelecidos e cumprido é necessário que o corpo técnico da casa grande reforço com a realização de reuniões durante esse tempo até a data prevista para a realização do aniversário da casa e da cidade São Luís. São nessas reuniões que estabelecemos as atividades de cada um dos voluntários para o bom andamento do evento.

Programação e agenda anual da Casa:

Março: 1o Culto das Américas

Abril: Semana do Índio

Maior: 1o martir Protestante das Américas

Junho: Festa de Shavuot

Agosto: aniversário do patrono da Casa de Cultura Antonio Gonçalves Dias

Setembro: aniversário da Casa de Cultura e de São Luis

Outubro: dia da Reforma Protestante

Musical Daniel de La Touche: 8 de setembro de 2023

ANEXO 3 – Folha do Livro de Visitas



Casa de Cultura Huguenote
Daniel de La Touche

Lista de Visitantes

List of Visitors - Liste des Visiteurs

NÚMERO NUMBER NUMBER	NOME NAME NOM	PAÍS COUNTRY PAYS	CIDADE CITY VILLE	DATA DATE DATE
20983	Stamuel R. Rosa	Brasil	SLZ	20/12
20984	Marcos Coelho	BR	SLZ	20/12
20985	Thaiana de Fatima	BR	SLZ	20/12
20986	Stefan Silva	Alemanha	Hof	23/12
20987	Carlos Eduardo Viegas Ribeiro	Brasil	Belém	24/12
20988	Silverson Lourenço de Sousa Viegas	Brasil	Belém	24/12
20989	Rayana Helen de Lima Sousa	Brasil	RJ	26/12
20990	Gaílherme Bombarda Magalhães	Brasil	Belém	26/12
20991	Neuivaldo F. Magalhães	Brasil	"	26/12
20992	Silverson M. Catão	Brasil	"	26/12
20993	STANLEY			
20994	Rayssa L. Borges	Brasil	São Paulo	26/12/22
20995	Maria Tereza Costa	Brasil	Belém	26/12/22
20996	Julia Letícia Vieira	Brasil	Belém	26/12/22
20997	Therese Luíza Rocha Pigo	Brasil	Amapá - GO	26/12/22
20998	Adriano Rêgo Silva	Brasil	Amazônia - GO	26/12/22
20999	Dr. Felipe Oliveira de Castro	Brasil	São Luís	26/12/22
21000	Aloniz Santos	Brasil	São Luís	26/12/22
21001	Somara Rêgo Lima Costa	"	"	26/12/22
21002	Marcia Cavassa Lima Costa	Brasil	São Luís	26/12/22
21003	Lara Sampaio Bezile	Brasil	São Luís	26/12/22
21004	Thamara da Silva	Brasil	São Luís	26/12/22
21005	Amanda Sene Lemos	Brasil	São Luís	26/12/22
21006	Eliana da Silva	Brasil	São Luís	26/12/22
21007	BREAZLIN Lorenzo	ITALIA		
21008	Brian dos Rosários	FRANÇA		
21009	Sirena Rayana S. Pereira	Brasil	São Luís	28/12/22
21010	Henilda Patrícia F. Pinheiro	Brasil	São Luís	28/12/22
21011	Raynato Silva Pereira	Brasil	São Luís	28/12/22
21012	MARLA ROCHA			
21013	NEVES LIMA P. Santos	BRASIL	macaé	29.12.22
21014	Ryko Mesquita	Brasil	Fortaleza	04/01/23

ANEXO 4 – Calendário da Casa 2021

AGENDA 2021
08: Morte dos 1º Mártires do Evangelho Protestante nas Américas, no Rio de Janeiro: 3 franceses da FRANÇA ANTÁRTICA
07: 1º Culto Protestante das Américas - FRANÇA ANTÁRTICA (1557)
12 a 17: Dia do Índio (Pedro Poty e Jean Parauipaba) Musical Upaon – Açú
01: Dia da Literatura Brasileira (Musical Cidade Poesia) 13: Abolição da Escravatura (1888) Semana Nacional de Museus
19: Evento sobre Cordel
Curso de Turismo Mário Meireles
10: Homenagem a Gonçalves Dias (1823) – Sarau o Canto do Sabiá * 28: Dia Nacional do Voluntariado
08: Aniversário de São Luís/ CCHDLT Primavera dos Museus
12: Dia Nacional da Leitura / Dia Nacional da Poesia(31) 31: Dia da Reforma Protestante (1517)
02: Memorial a Manoel Beckman (1685) 0x: Aniversário de Daniel de La Touche 0x: Aniversário das Leis Fundamentais
6 a 11: Dia da Bíblia * Confraternização Anual

APÊNDICES

APÊNDICE I – Fotos dos ambientes da Casa de Cultura Huguenote



Área da Cafeteria



Área para fotos

A visitaõ guiada



APÊNDICE II - Entrevista feita com os monitores da Casa de Cultura

PESQUISA PARA MONITORES DA CASA DE CULTURA HUGUENOTE

PESQUISA REALIZADA PELA GRADUANDA DO CURSO DE TURISMO DA UFMA, THALYNE
KILALA.

ORIENTADORA: PROF^a MARILENE SABINO

* Indica uma pergunta obrigatória

1. Nome *

2. IDADE *

3. SEXO *

Marcar apenas uma oval.

FEMININO

MASCULINO

4. FORMAÇÃO EDUCACIONAL *

5. 1. O QUE TE MOTIVOU A SER VOLUNTÁRIO DA CASA DECULTURA HUGUENOTE? *

6. 2. ANTES DE SEU CONTATO COM A CASA HUGENOTE, VOCÊ SABIA DA COLONIZAÇÃO PROTESTANTE DE SÃO LUÍS? SE POSSÍVEL, COMENTE COMO VOCÊ TEVE ACESSO A ESTE CONHECIMENTO PRÉVIO. *

7. 3. COMO FOI SUA PREPARAÇÃO PARA ATUAR COMO MONITOR DA CASA? *

8. 4. COMO VOCÊ AVALIA A EXPERIÊNCIA DE MEDIAR EM UM MUSEU?

9. 5. QUAIS VANTAGENS VOCÊ OBSERVA OBTER A PARTIR DA MEDIAÇÃO NO MUSEU?

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE III – ENTREVISTA COM VISITANTES

PESQUISA PARA VISITANTES DA CASA DE CULTURA HUGUENOTE

PESQUISA PARA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Pesquisadora: Thalyne Kilala, graduanda do curso de Turismo da UFMA

Orientadora: Marilene Sabino.

* Indica uma pergunta obrigatória

1. ESCOLARIDADE/ Educational Level

Marcar apenas uma oval.

- EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL/ Elementary school
- ENSINO MÉDIO/HIGH SCHOOL
- EDUCAÇÃO SUPERIOR INCOMPLETA
- EDUCAÇÃO SUPERIOR COMPLETA/ GRADUATION
- PÓS-GRADUAÇÃO

2. FAIXA ETÁRIA/AGE GROUP *

Marcar apenas uma oval.

- MENOR DE 18 ANOS
- 18-30 ANOS
- 31-45 ANOS
- 46-59 ANOS
- MAIS DE 60

3. Origem : Cidade/país (City/Country) *

4. COMO SOUBE DA CASA DE CULTURA?/ HOW DID YOU FIND OUT ABOUT THE CULTURE HOUSE? *

Marcar apenas uma oval.

- Através de amigos
- Pelas redes sociais (Youtube, Instagram , Facebook, ou outros)
- Por meio do guia de turismo/ agência de turismo
- Por coincidência, passando na frente da Casa
- Outro meio

5. Quem participou da visita com você?/ Who participated in the visit with you? *

Marcar apenas uma oval.

- A família
- Com amigos
- Com o cônjuge (esposo, esposa)
- Ninguém, somente eu
- Grupo escolar
- Grupo de excursão
- Outro

6. Você tinha conhecimento prévio sobre a origem protestante da cidade de São Luís?/ Did you have prior knowledge about the Protestant origin of the city of São Luís?

Marcar apenas uma oval.

- Sim/ Yes
- Não/No

7. Caso seja morador local, marque o que faz mais sentido para você. Pode ser mais de uma opção.
If you are a local, tick the one that makes the most sense to you. It can be more than one option.

Marque todas que se aplicam.

- É importante esta Casa para o morador conhecer a sua história./This House is important so much for the resident to know its history.
- É irrelevante o conteúdo exposto para a comunidade local./The content exposed to the local community is irrelevant.
- Muito mais pessoas da cidade precisam ter acesso a este museu./A lot more city people need access to this museum.

8. Caso seja turista, responda qual o motivo da sua viagem à cidade? If you are a tourist, what is the reason for your trip to the city?

Marcar apenas uma oval.

- Lazer/leisure
- Trabalho/Negócios (Work/Business)
- Visitar familiares/visit family
- Estudos/Pesquisa ou Intercâmbio (Studies/Research or Exchange)
- Outro: _____

9. Como você qualifica a experiência de conhecer esta Casa? *

Marcar apenas uma oval.

- Ótima/excellent
- Boa/ good
- Ruim/bad
- Péssima/terrible

10. Ajude-nos a melhorar . Se possível, nos deixe um comentário. / Help us to improve. If possible, leave us a comment.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APÊNDICE IV - ROTEIRO DA ENTREVISTA COM A PRESIDENTA DA CASA DE CULTURA

ENTREVISTA COM OS GESTORES DA CASA DE CULTURA HUGUENOTE DANIEL DE LA TOUCHE

Pesquisa “TURISMO E IDENTIDADE CULTURAL: a Casa de Cultura Huguenote Daniel de La Touche como meio de fortalecimento da identidade ludovicense realizada pela aluna Thalyne da Silva Sampaio Kilala graduanda do curso de Turismo da Universidade Federal do Maranhão. A pesquisa tem por objetivo: O objetivo geral da pesquisa é compreender a importância da Casa de Cultura Huguenote Daniel de La Touche como meio de fortalecimento da identidade cultural ludovicense.

Roteiro para entrevista

1. Nome completo..
2. Formação acadêmica
3. Como surgiu a ideia de abrir esta Casa de Cultura? Como se deu o processo para que ela existisse?
4. Como se deu a escolha do nome da Casa?
5. Considerando que a Casa não é de gestão pública. Qual as fontes das receitas para manutenção da casa?
6. Como está distribuída as funções da Casa administrativamente?
7. Quais as principais despesas?
8. A Casa possui um estatuto ou regimento interno?
9. Tem profissional da área de museologia? Tiveram essa consultoria na abertura na abertura da Casa?
10. Possui plano museológico?
11. Qual o total do acervo? É registrado? Ou tem inventário?
12. Quem é responsável pela curadoria do museu? Como se dá o processo de escolha do acervo?
13. O museu possui acervo tombado?
14. De que forma a comunidade pode fazer um agendamento?
Para visitação do público em geral   necessário agendamento? E para grupo? Por qual meio?
15. Quais as estratégias de marketing para a divulga o do museu? Como o museu é divulgado?
16. Você tem a planta baixa da Casa, como está dividida hoje?
17. Como se deu o período de pandemia?

18. Quantos são e quais os títulos dos livros da biblioteca? Existe uma relação dos títulos?
19. Museu tem acessibilidade?
20. Como foi participar do projeto Pátria Voluntária?
21. Sobre a segurança e controle patrimonial, há treinamento com os bombeiros? Há segurança privada?
22. O museu possui um setor educativo?
23. O museu promove visitas guiadas?
24. Museu tem exposição de longa temporada? Temporária.
25. Quais as atividades realizadas pela casa? Desenvolve atividades sistemáticas com a comunidade?